

Revista Sesc **arte**
educação

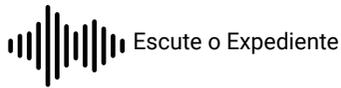
ISSN 2764-8486

VOL.3 2023

 Escute os destaques

- ARQUITETURAS FANTÁSTICAS
- ESTUDO DA FOTOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL
- REFUGIADOS – CAMINHOS PARA REFLEXÕES
- A ESTÉTICA DO ROCK NAS CAMISETAS DE BANDA
- DANÇA E PATRIMÔNIO CULTURAL

**ARTE NA CIDADE:
A CRIAÇÃO ARTÍSTICA COMO
INTERVENÇÃO URBANA**



Revista Sesc **arte**
educação
ISSN 2764-8486 VOL.3 2023

Presidente do Sistema Fecomércio Sesc/Senac RS
Luiz Carlos Bohn

Diretora Regional Sesc/RS
Sandra Regina Casarotto Lindorfer

Gerente de Educação
Regina Tatsch de Oliveira

Arte Educação
Diewerson Nascimento

Assessor Técnico
Lutiere Dalla Valle



Revista Sesc Arte Educação [recurso eletrônico] / Sesc RS.
Vol. 3, n. 1 (out. 2023) - Porto Alegre: Sesc RS, 2021-.

Anual
ISSN online 2764-8486
Disponível em:
<https://www.sesc-rs.com.br/educacao/revistas-es-carteeducacao/>

1. Arte. 2. Educação. 3. Ensino de Artes. I. Sistema Fecomércio-RS. II. Sesc RS. III. Senac. IV. Título.

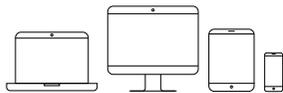
CDU 3:73

Ficha catalográfica elaborada por Aline de Medeiros – CRB/10 - 1977

Execução



www.publicato.com.br
51 3013.1330

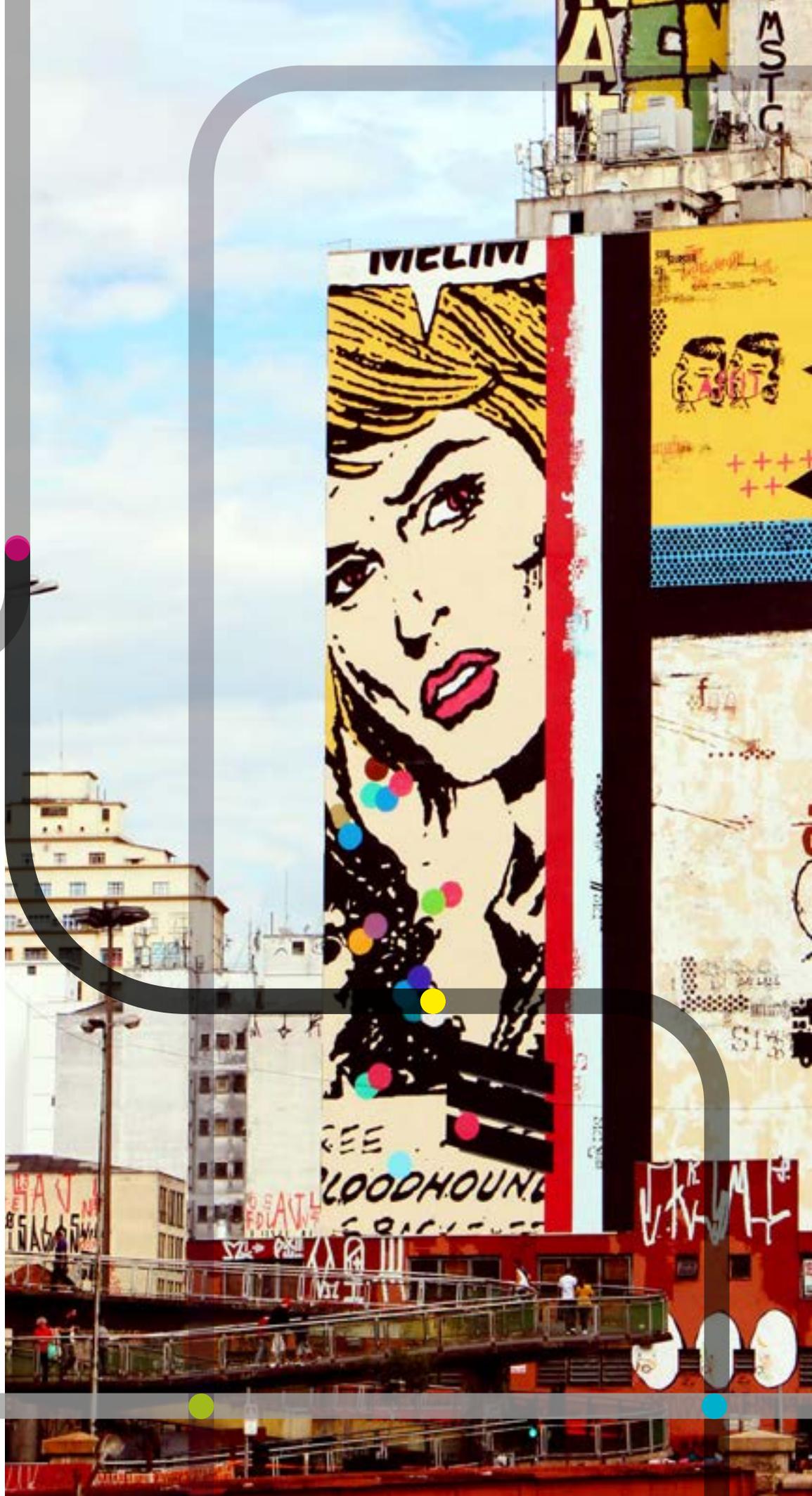


LEIA COM FACILIDADE EM
NOTEBOOKS, DESKTOPS, TABLETS E SMARTPHONES.

Imagens Acervos:

Capa (Alvaro Pouey de Oliveira Filho/RS)

Lucas Wendt/RS (p.7); Sesquinho Tramandai/RS (p.10); Sesquinho Cachoeirinha/RS (p.13); Paula Cristiane Emcke/RS (p.14); Escola Educare/MA (p.17 e 18); Márcia Cassol/RS (p.20); Adineia da Silva/RS (p.24 e 25); Ericklaine de Lima/RN (p.27,28,29 e 30); Tiago Silva (p.33); Caroline Dib/BA (p.37 e 38); Sesc São Leopoldo/RS (p.39); Heloisa Alves Müller/RS (p.42); Sesc Caxias do Sul/RS (p.44 e 45); Alvaro Pouey/RS (p.47). Banco de imagens Pexel





ÍNDICE



INCIDÊNCIAS E DERIVAS NAS ARTES: (QUANDO) A CIDADE, A RUA E A EDUCAÇÃO SE ENCONTRAM

4
6

EDUCAÇÃO INFANTIL

Explorando o universo das artes: Museu como espaço de direito das infâncias e crianças

Arquiteturas fantásticas: investigações acerca da arte e da cidade

As cores da cidade

Festa na floresta: música brasileira na escola

Pequenos Cazumbás

19

ENSINO FUNDAMENTAL

A potência das imagens como disparadora de percursos investigativos na educação básica: prática artística e produção de sentido

Mundo invertido da Arte Contemporânea: circunstâncias de aprendizagem no ensino das Artes Visuais

Estudo da fotografia no ensino fundamental: desvendando sua função histórica e artística

Abrindo cirandas para a arte popular na escola – uma experiência no Ensino Fundamental Sesc

33

ENSINO MÉDIO

Circunstância: texto adaptado, criação dramática e a identidade de grupo como engendramento criativo no espaço escolar

Refugiados – caminhos para reflexões

Pesquisa sobre a realização de eventos culturais nos bairros da cidade de São Leopoldo/RS

42

EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO-FORMAIS

Teatro de rua para resistir e para lutar

A estética do Rock nas camisetas de Banda

47

DIÁLOGOS COM ARTISTA

Dança e patrimônio cultural: alternativas artístico-pedagógicas para reavivar a relação com a cidade

51

ARTE E EDUCAÇÃO: INVENTARIAR PERCURSOS PARA ENCONTRAR CAMINHOS POSSÍVEIS



INCIDÊNCIAS E DERIVAS NAS ARTES: (QUANDO) A CIDADE, A RUA E A EDUCAÇÃO SE ENCONTRAM

Estar à deriva no contexto da arte não significa perder-se, mas permitir-se. Isto é, colocar-se em estado de presença atenta ao que a experiência estética permite exercitar e conhecer. É também abrir-se ao que suscita a partir deste encontro, pois a arte é responsável por estimular nossas capacidades inventivas e de interpretação criativa. Somos seres simbólicos e nos compreendemos a partir das histórias, das metáforas que criamos para compreender aquilo que nos interpela. Narrar nossos percursos por meio da arte configura, portanto, o mote do material apresentado a seguir.

Nesta edição, os textos reunidos pretendem ativar olhares para as relações com as artes em suas variadas linguagens e perspectivas. Diferentes regiões e contextos do país nos dão a conhecer os distintos matizes que constituem a experiência artística no cenário pedagógico contemporâneo, seja no ensino formal e não formal. É também por meio deste compilado de vozes que temos acesso a um rico panorama de experimentações artísticas com crianças, adolescentes e jovens, atravessadas pela valorização do patrimônio local das cidades, bem como da emergência das lutas sociais para além das vivências estéticas.

A partir dos eixos Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Espaços não formais e Diálogos com Artista, a Revista SESC Arte e Educação apresenta quinze textos que entrecruzam saberes da experiência evidenciando percursos singulares e também coletivos como possibilidade para uma educação humanizadora, sensível e atenta às reivindicações atuais. Questões políticas e estéticas nas escolas, nas ruas e nas cidades, configuram o motor que dinamiza e atravessa os textos que seguem em forma de artigos e relatos de experiências.

Da fotografia às grafias individuais, percursos que perpassam brincadeiras e exploração material junto às infâncias, acolhem também as angústias juvenis diante das tragédias humanas. Por meio de diferentes vias, temos acesso a outros modos de acionar a arte e impulsionar suas ressonâncias na educação, seja por meio da experimentação ou da ressignificação de obras já consagradas pela hegemonia ocidental.

Tanto os relatos de experiência como os artigos que compõem este dossiê, abordam, ora a presença infantil dentro de espaços expositivos formais, ora a movimentação poética dos corpos em espaços não formais, como a rua e a paisagem urbana. Há nestes trajetos o desejo de valorização da produção artística local, do sentido de pertencimento e reconhecimento do patrimônio cultural ao qual se inserem.

Em um dos relatos, a produção de maquetes com materiais alternativos

para dar conta visualmente daquilo que as crianças percebem em seus deslocamentos pela cidade buscam acionar relações afetivas por meio de construções efêmeras a fim de compreender e estabelecer relações entre o corpo e o espaço. Outro exemplo é a proposição inspirada em elementos das culturas indígenas, afro-brasileiras, bem como da fauna local como convite a estabelecer relações entre o grafite presente nas ruas da cidade em diálogo com a produção simbólica produzida pelos povos originários, no intuito de potencializar o olhar curioso das crianças para as distintas culturas.

Festa na Floresta, relata percursos de estimulação sensorial, visando amplificar narrativas subalternas ao trazer para a cena cantigas oriundas das matrizes indígenas e africanas. A dimensão narrativa utilizada junto às crianças ressalta a potência da cultura popular como ativadora do pertencimento, da valorização de si e do outro. Brincar com as cores da cidade, cirandar e devolver ao corpo suas potências enquanto produtores de movimento e de pulsão de vida. A roda como metáfora da coletividade, do conhecimento popular que se produz justamente a partir da sua circularidade e faz referência a importância da memória, permite que nossas narrativas permaneçam vivas e protegidas como patrimônio cultural.

Reconhecer, valorizar e aprender com as culturas locais, são verbos que transcorrem as distintas práticas artístico-pedagógicas relatadas, bem como os artigos que perpassam as distintas linguagens: das artes visuais, da dança, da música e das artes cênicas. São fazeres e experimentações atravessadas



por brincadeiras e proposições artísticas dispostas a enredar nossos repertórios imagéticos ao nos aportar caminhos possíveis para a arte e a educação. Das imagens fílmicas às referências as obras contemporâneas, as propostas se desdobram em múltiplas potências, seja por meio da fotografia da paisagem, seja dos movimentos sensíveis produzidos pelos corpos que habitam e se deslocam a partir da dança no intuito de reativar as relações com a cidade.

Do mesmo modo, oficinas teatrais produzidas na rua como convite à cidadania que se deixa afetar pelo espaço e transforma o ordinário em extraordinário, sobretudo imbuídas pelo desejo de produzir pausas poéticas em meio ao concreto ao fomentar outras percepções: sensíveis, atentas, criativas. São espaços públicos e centros urbanos que ao serem tocados pela arte e pelo protagonismo dos sujeitos, estimulam uma espiral infinita de ativações cognitivas.

Tanto a música como os fazeres teatrais nos contextos educacionais apresentados, possibilitam que as identidades juvenis estabeleçam relações profícuas à educação. A narração cênica e processos

de adaptação na produção de circunstâncias de aprendizagem nos diferentes níveis e contextos permitem não apenas o acesso a determinados repertórios, como também dialogar e interatuar com questões humanitárias em contextos globais, exercícios de empatia e consciência cidadã que igualmente perpassam os relatos de experiência presentes nesta edição.

Incidência diz respeito àquilo que se repete em caráter emergente. Neste contexto, apostamos na efervescência do desejo da transformação social através da arte. Nos juntamos em coro pelo desejo de que sejam valorizadas todas as linguagens e culturas, bem como as distintas possibilidades educativas que primam

pelo protagonismo das crianças e dos jovens em formação.

Reside nestas escritas a pujança pela cultura brasileira que atravessa a vida cotidiana. Motor que segue movimentando professores e professoras, enredando práticas educativas comprometidas com uma formação crítico-reflexiva sobre temáticas emergentes, sem deixar de lado as dimensões ética e estética das artes e das culturas. Sendo uma realização do Departamento Regional do SESC RS com apoio do Departamento Nacional do SESC, assumimos o compromisso de levar aos diversos públicos uma importante contribuição para o fortalecimento da arte e da educação em nosso país. ●



Lucas de Bárbara Wendt

Graduado em Pedagogia (UFSM), pós-graduando em Gestão Educacional e Mestrando em Educação pela Linha de Pesquisa Educação e Artes (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista Extensionista e Integrante do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Cultura Visual - Mirarte (UFSM).

Léo Costa Gonçalves

Graduada em Teatro (UFSM), Mestranda em Educação pela Linha de Pesquisa em Educação e Artes (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista do Projeto Rede Básica e Integrante do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Cultura Visual - Mirarte (UFSM).

Explorando o universo das artes: Museu como espaço de direito das infâncias e crianças

Resumo

O presente artigo pretende analisar as possibilidades e potências existentes nas crianças ao frequentarem o museu de Arte, espaço que é pensado, em sua grande maioria, para adultos e apreciadores da arte. Nesta pesquisa refletimos acerca da necessidade de construir espaços que contemplem a presença das infâncias. Com esse intuito, foram criadas algumas dinâmicas que dialogassem com a proposta da exposição do Projeto Referências Cruzadas (2023), que contava com material

artístico importado de outros países e valorizando a cultura local, trazendo visibilidade para experiências que agregassem no conhecimento artístico e social, principalmente a cultura de povos originários, a partir de uma oficina artístico-pedagógica. Dessa forma, é tensionado a importância de crianças frequentarem o espaço do Museu - e o quanto esse espaço pode agregar ao seu ensino-aprendizagem, conhecendo e experienciando formas de se conectar com diferentes maneiras de viver artístico e social.

Palavras-Chave:

Museu, Arte, Educação, Crianças, Infâncias.

Introdução

Este trabalho apresenta algumas experiências educativas realizadas através de oficinas organizadas pelo Grupo de Pesquisa em Arte, Cultura Visual e Educação - Mirarte/CNPq. As oficinas ocorreram no Museu de Arte de Santa Maria por meio da exposição itinerante "Arte como campo de batalha: marginalidade e resistência" do Projeto Referências Cruzadas.



O Projeto Referências Cruzadas tem como premissa reunir uma mostra coletiva-artística com diversos artistas oriundos de países latinos, como a Argentina, Brasil, México, Paraguai, Chile e Uruguai.

A exposição deste ano contou com pinturas, gravuras, instalações, vídeos e jogos interativos, e, por meio disso, houve a participação brasileira do Ateliê Griô, Arte Negra em Movimento e o Labinter, sendo esses três grupos de artistas - formados e autodidatas, de Santa Maria. Nesse sentido, o Grupo Mirarte propôs oficinas educativas voltadas ao público visitante, em sua grande maioria escolas do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Durante esse período, nos questionamos sobre a ausência do público infantil, nesse viés, conseguimos realizar uma oficina pedagógica-artística com duas turmas de Educação Infantil, sendo elas o Maternal II (crianças de 2 a 3 anos) e o Pré-B (crianças de 5 anos). Nosso intuito aqui é refletir o que pode um encontro entre infâncias e uma exposição no Museu de Arte de Santa Maria. Como podemos pensar uma curadoria e oficinas que acolham esses corpos?

Desenvolvimento

Quando pensamos no Museu, nos vêm à mente um lugar repleto de adultos em um espaço com diversas formas de experienciar arte. Assim como o museu, no imaginário adultocêntrico, outros espaços não são pensados ou considerados para receber crianças, ou até mesmo bebês, pois se há a ideia de que não fará sentido para eles, ou que de algum modo eles não irão aprender nada com a visita ao Museu.

Sobretudo, é necessário entender que o Museu também é um espaço de direito do público da Educação Infantil - quando o espaço e as obras são propícias para a faixa-etária. Contudo, pode ser possível possibilitar a reflexão acerca dos direitos das crianças em estar nesse espaço público e potente para seu imaginário e processo crítico e reflexivo.

Entendemos que para se criar o hábito é necessário que desde cedo o Museu possa ser ocupado e ser compreendido como lugar para crianças, no qual nos sentimos provocados a refletir sobre uma curadoria que possa tornar acessível a nova geração de visitantes do Museu. Dessa forma "falar da totalidade da criança implica reflexão não só acerca da sua integridade como pessoa [...], a aprendizagem sai de uma dimensão interna, de alguma forma ligada à genética, e se abre para o mundo" (SALVA et al, 2023, p.16).

Nossa escrita e nossos registros durante a oficina realizada no Museu de Arte de Santa Maria são uma forma de defesa dos direitos das infâncias e das crianças, que borram a visão adultocêntrica. É uma forma de compreendermos esse lugar, como um lugar que pode receber e pode ser pensado para todas as faixas-etárias, fornecendo possibilidades reais para que elas possam adentrar o universo da arte.

Ao recebermos as crianças no Museu, elas puderam visitar todos os espaços da exposição itinerante, inicialmente fizemos um momento de diálogo com elas. As obras que mais prenderam o seu interesse - e aqui chamamos a atenção do/a leitor/a, foram as obras interativas, ou seja, aquelas obras que de alguma forma elas puderam interagir, mexer, tocar, intervir.

**AS CRIANÇAS CONHECEM
O MUNDO A PARTIR
DA CURIOSIDADE EM
EXPLORAR OS ESPAÇOS,
DAS INQUIETAÇÕES, DO
EXPERIMENTAR GOSTOS,
TEXTURAS, CHEIROS,
ATENTAR-SE A UM SOM,
REPRODUZIR OUTRO...
DESBRAVAM AS COISAS À SUA
VOLTA, FAZENDO PERGUNTAS,
DESAFIANDO-SE NESSE
JOGO DE EXPERIMENTAÇÕES
E TENTATIVAS, POR MEIO
DO FAZER ARTE! (Santos;
Carvalho, 2019, p. 30)**

Neste íterim, as crianças acabam explorando trabalhos artísticos mais sensoriais, pois o sensorial é fortemente presente na infância, o tocar com as mãos, o sentir a rigidez e a textura das obras, as suas variações de temperaturas e as sensações, são outras formas de aprender e interagir com o que está exposto. Para Serres (1993, p. 44) a experiência de aprender "é o exercício da humanidade, uma vez que nada de humano existe sem a experiência" e aqui podemos ir além - não existe experiência e aprendizagem sem o corpo.

Durante a visita ao museu, também foram realizadas propostas artísticas e pedagógicas, diante disso, a proposta foi construída pelos

integrantes do Grupo de Pesquisa Mirarte. Inicialmente houve uma sensibilização com imagens/fotografias, pois acreditamos na potência “edu(vo)cativa” (VALLE, 2018) das imagens e suas possibilidades de diálogo com a aldeia da região de Santa Maria. Por meio disso as crianças puderam ter contato com essa imagem, que relatado por elas, parecia ser distante. Nessas fotografias também haviam produções de arte indígena e as pinturas corporais que eles realizam com elementos da natureza.

Pensando nesses tensionamentos, a oficina realizada com as crianças partiu das obras propostas pelo Labinter - eram obras que tratavam sobre questões indígenas das aldeias de Santa Maria, neste ínterim, propomos pintura e experimentação com tintas e elementos naturais.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com abordagem de diário de campo, com o intuito de construir uma dinâmica de acessibilidade para as crianças dialogarem com os temas específicos da exposição, principalmente pensada na valorização da cultura local de povos originários.

Sendo assim, as crianças experimentaram formas criativas de explorar os materiais encontrados na natureza. Os materiais utilizados para criação de tintas naturais foram: carvão, temperos, erva-mate, canela, café, e outros elementos aromáticos. E alguns materiais simularam pincéis, feitos com galhos e folhas de árvores. Para fazer as tintas naturais, misturamos cola branca com os materiais de pintura já citados anteriormente. Além disso, é importante destacar que as crianças faziam

associações com situações do seu cotidiano ao sentirem os aromas dos temperos.

O processo no qual as crianças foram submetidas vai de encontro à necessidade de estabelecer diálogos com a exposição e o Museu, explorando o espaço e permitindo expandir o imaginário das crianças sobre o local. Dessa forma, concordamos com Daniela Guimarães (2009, p. 69) ao dizer que “se considerarmos uma criança ativa e exploradora, é preciso pensar um espaço e um educador que dêem apoio aos seus movimentos, que incentivem sua autonomia, que contribuam para a diversificação de suas possibilidades”.

Considerações Finais:

Acreditamos ser de grande importância incluirmos as crianças no Museu para fortalecer as relações de ensino e aprendizado para além do ambiente escolar e ocuparmos os espaços públicos através da arte e de projetos educativos. Ao aproximarmos o público infantil com espaços culturais, podemos diminuir um pouco da barreira social que limita o acesso do grande público a exposições de arte.

A oficina artístico-pedagógica foi essencial para tratarmos de uma temática tão emergente que são as questões indígenas, sobretudo, sua aproximação com as infâncias e com o território das artes. Além disso, foi imprescindível oportunizar a possibilidade de levar imagens e elementos indígenas para que as crianças pudessem ver, experimentar e construir uma reflexão crítica acerca do tema.

Foi possível observar que a visita das crianças ao museu aguçou a curiosidade, a criatividade, além

da expansão do repertório cultural e pensamento crítico, portanto, museu é lugar de criança, pois essa visitação inspirou, divertiu e emocionou muito o público infantil, que observou e interagiu com as obras. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUIMARÃES, Daniela. Educação infantil: espaços e experiências. In: CORSINO, Patrícia (Org.). Educação infantil: cotidiano e políticas. Campinas: Autores Associados, 2009, p. 93-104.

SALVA et al. Crianças ocupam a UFSM: traços e encontros com a infância. Editora CLAEC: Foz do Iguaçu, 2023.

SANTOS, Nathalia Scheuermann dos; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Arquiteturas efêmeras de jogo e Educação Infantil: diálogos com a arte contemporânea. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 5, n. 3, p. 25-41, dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3PSa50H>. Acesso em: 19/07/2023.

SERRES, Michel. Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro: Bertand, Brasil, 2001.

VALLE, Lutiere Dalla. A potência edu(vo)cativa das imagens fílmicas na (con) formação de gênero: experiências de aprendizagem a partir do cinema. In: FILHO, Flavi Lisboa; SILVA, Thomas Josué. Cultura e Identidade: subjetividades e minorias. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2018.

Cinara Rick

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, Mestra em Educação pela mesma instituição, Instrutora Pedagógica no Sesquinho de Tramandaí/RS.

Anelise Flôres de Oliveira

Pedagoga, especialista em Supervisão e Orientação Educacional, Educadora Parental em Formação, Mestranda em Psicologia e Pesquisadora das infâncias com ênfase aos processos de comunicação neurocompatível e narrativas pedagógicas.



Arquiteturas fantásticas: investigações acerca da arte e a cidade

Linguagem artística ou tema:

Investigações arquitetônicas da cidade e sua expressão nas artes visuais.

Cidade em que ocorreu a experiência:

Tramandaí/RS

Período:

2022

Objetivo-geral:

Investigar as construções arquitetônicas partindo de construções efêmeras e ampliando para um olhar da cidade e do que nos rodeia.

Objetivos específicos:

Experienciar diferentes construções efêmeras com diferentes materialidades e diversos suportes;

Ampliar noções estéticas, a partir das artes visuais tridimensionais.

Compreender os espaços da cidade e o conviver em sociedade;

Construir significados políticos, culturais, sociais e estéticos da cidade e de tudo que nos rodeia.

Detalhamento da ação:

Ao iniciar o ano letivo de 2022 montamos, juntamente com as crianças, um espaço de construções, no qual materialidades como madeira, ca-

nos, ferramentas, parafusos, pregos, pedras e uma infinidade de outros objetos faziam parte de um mesmo contexto investigativo. Iniciamos, assim, um projeto voltado para a exploração de construções efêmeras, que culminaram em investigações sobre a arquitetura da cidade e das construções que podíamos observar.

Inicialmente, nossas investigações compreendiam apenas o espaço dentro da sala referência, visto que estávamos sobre a regulação legislativa municipal pautada em medidas preventivas quanto ao enfrentamento

de epidemia da Covid-19. Com isso, algumas estratégias foram elencadas nessas investigações, para ampliar o repertório imagético das crianças, com o uso das tecnologias. Através de fotos pesquisadas em banco de imagens do Google, captamos algumas nas quais as crianças pudessem elencar em seus percursos no ir e vir de suas residências, assim como de espaços já conhecidos como o prédio da unidade do Sesc que compreende a escola Sesquinho, bem como os demais serviços que acontecem no mesmo endereço.



Outra estratégia utilizada pelas educadoras, como movimento exploratório da cidade, foi o transitar de forma virtual com a ferramenta do Street View, no Google Maps, o qual possibilitou o deslocamento pelas ruas através da observação pela tela do computador, juntamente com projeções. Essas projeções corroboraram nas percepções de escala de tamanho e deslocamento pelas ruas da cidade e na visitação de suas residências de forma virtual, de uma ponta a outra da cidade, e ainda na cidade vizinha, atravessando ponte e observando a orla da praia.

Construímos maquetes, a partir dessas observações, para compreender os deslocamentos realizados e, através das artes plásticas, moldar elementos significativos para nossa cultura litorânea como a escultura da praça principal e demais animais que circulam na barra do rio Tramandaí, ou seja, os botos que fazem parte do cotidiano de pescadores desse território, com papel machê.

Ao longo do ano, fomos construindo edificações com materialidades diversas e de forma efêmera agregando sentido em novos modos de empilhar, equilibrar e compreender como o bidimensional e o tridimensional atua em nossas vidas e na produção da arte. Ao integrar essas dimensões, trouxemos como inspiração dois artistas com produções efêmeras, Vik Muniz⁽¹⁾ e Erika Verzutti⁽²⁾. O primeiro nos inspirou em construções efêmeras com areia, gravetos e elementos da natureza, enquanto a segunda artista nos inspirou em edificações

com pedras empilhadas e blocos de montar, além de esculturas com argila e papel machê.

Já no segundo semestre, uma nova normativa sanitária municipal foi estabelecida, e o transitar para fora das paredes da escola foi finalmente experienciado. Nesse momento exploramos, inicialmente, o entorno da escola e as construções próximas, nos apropriando dos espaços e, gradativamente ampliando nossos percursos.

Tonucci (2019) argumenta que as cidades foram projetadas e pensadas por adultos, no entanto, ao realizar a escuta das crianças sobre os territórios urbanos percebemos que diferentes aparatos da estrutura sofrem apropriações diversas por parte das crianças, como uma rampa de acesso da calçada torna-se um escorrega, ou mesmo o padrão das calçadas transforma-se em um jogo de saltar amarelinha.

AO INVESTIGAR COM AS CRIANÇAS AMBIENTES EXTERNOS PÚBLICOS FOI POSSÍVEL ELENCAR IMPORTANTES ASPECTOS RELACIONADOS A SOCIABILIDADE E A AUTONOMIA, EXPLICITANDO DISCUSSÕES POLÍTICAS, SOCIAIS E CULTURAIS SOBRE OS TERRITÓRIOS.

Ao tornar parte desses territórios elementos manipuláveis, como maquetes móveis, construídas a partir das materialidades dispostas em diferentes propostas pelas educadoras, esses modelos da cidade puderam ser montados e modificados, ao mesmo tempo em que elas formulavam novas perguntas e intenções de compreender o mundo a sua volta.

Considerações finais:

As crianças em seu cotidiano constroem suas aprendizagens na interação com seus pares, com os adultos e com o mundo que os rodeia, tanto de forma virtual, como ao transitar pela realidade, agregando conhecimento com novas informações, de maneira curiosa e inventiva. Ao explorar as diferentes linguagens artísticas podemos experimentar movimentos, manipulação, exploração e percepções estéticas que, em muitas vezes, apenas o ambiente escolar promove.

Essas experiências possuem a potencialidade comparativa, as investigações de processo científico, visto que, as crianças observam empiricamente, formulam perguntas, buscam respostas e desenvolvem seus próprios entendimentos e explicações sobre o mundo que as cercam. Este conhecimento não é produzido por acaso, mas através de um processo complexo de exploração. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUKIER, Viviana; DEL CORSO, Josiane. Arquiteturas Fantásticas: ideias, teorias e narrativas de crianças de 2 e 3 anos. Ateliê Carambola, SP, 2016.

TONUCCI, Francesco. A cidade das crianças: um novo modo de pensar a cidade. Tradução: Margarida Periquito. Ágora K, 2019.

1 Nome artístico de Vicente José de Oliveira Muniz, artista plástico brasileiro que elenca em suas esculturas e fotografias materiais como materiais recicláveis, alimentos, serragem, pó, terra, dentre outros.

2 Artista plástica brasileira que utiliza em suas esculturas tridimensionais materiais como bronze, concreto, pedras e papel machê).



Escute o artigo

Bruna Antunes da Cunha

Pedagoga. Especialista em Neuropsicopedagogia e Educação Especial Inclusiva. Instrutora Pedagógica da Escola de Educação Infantil Sesc Cachoeirinha.

Lisiane Oliveira da Silva

Pedagoga e Psicopedagoga. Especialista em Gestão Escolar e em Educação Infantil. Mestranda em Educação pela UERGS. Supervisora Pedagógica da Escola de Educação Infantil Sesc Cachoeirinha.

As cores da cidade

Linguagem artística ou tema:

Arte nas ruas e cultura indígena

Cidade em que ocorreu a experiência:

Cachoeirinha/RS

Período:

Junho de 2023

Objetivo-geral:

Unificar duas investigações a partir de um eixo artístico, apresentando um artista da atualidade que possa interagir de maneira significativa com as crianças.

Objetivos específicos:

Identificar a cultura indígena a partir das referências nos grafites do artista Fábio Gomes; observar as interferências artísticas nas paredes da cidade, promovendo o raciocínio de hipóteses e concepções pessoais de arte (grafite x pichação).

Detalhamento da ação:

No Sesquinho Cachoeirinha, a turma 4A estava investigando sobre a cultura indígena com a instrutora pedagógica Ariela Siegmann e reformulando as concepções de como os povos originários merecem e gostariam de serem vistos pela sociedade.

Além da investigação do grupo, em paralelo, a instituição escolheu

um tema para realizar uma pesquisa com todas as crianças, partindo da pergunta “Como as crianças ocupam a cidade?” Este questionamento provocou um olhar de dentro para fora das paredes da escola, buscando novas formas de promover a cidadania das crianças, apesar de serem subestimadas como cidadãos potentes na organização dos papéis sociais.

Com a iniciativa de vermos as duas investigações caminharem juntas, apresentamos às crianças algumas obras do artista goiano Fábio Gomes, que ficou conhecido mundialmente por suas representações da cultura afro, indígena e fauna brasileira em suas produções de grafite nos muros de sua cidade Trindade/GO. O artista ficou conhecido mundialmente após uma das suas obras ter sido compartilhada pela atriz Viola Davis, em suas redes sociais. A partir deste marco, Fábio vem conquistando admiradores ao redor do mundo enquanto reverencia a beleza natural brasileira em suas produções.

Após a apresentação do artista e suas obras às crianças, realizamos um passeio de campo no entorno da escola, buscando similaridades com a arte de Fábio. As interferências artísticas nas paredes foram destaque de admiração pelas crianças. Porém, elas não se prenderam

às observações de grafites, mas se atentaram aos detalhes de todas as interferências, incluindo as pichações e escritas nos postes, paredes e bancos de praça.

A partir da escuta em relação ao que as crianças traziam como leitura das imagens e elementos, realizamos uma sessão com as fotos do passeio para que elas pudessem observar e comparar as imagens umas com as outras, possibilitando um momento reflexivo e conclusivo sobre o tema: “Será que todas as pinturas que vimos são arte?” Algumas conclusões das crianças ao compararem duas paredes (grafite x pichação) foram:

As duas paredes são parecidas porque as duas têm pintura. (Valentina)

Numa parede tem desenho, a outra tá suja de tinta. (Laura)

Um tem desenho, o outro só tem letras. (Oliver)

Eu gosto mais da pichação porque eu gosto de aprender as letras. (Maria Eduarda)



A partir das hipóteses e conclusões das crianças, gravamos um vídeo e enviamos ao artista Fábio Gomes, falando sobre o que as crianças estavam vivenciando e trazendo alguns questionamentos a respeito do seu processo criativo.

Confira o vídeo produzido pelas crianças:



Fábio recebeu o vídeo e prontamente respondeu às perguntas das crianças, estreitando o caminho entre a arte, a cultura e a educação a partir da interação direta do artista com os estudantes.

Considerações finais:

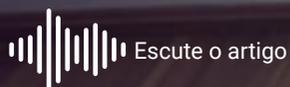
Esta vivência trouxe a reflexão sobre como a arte está presente no dia a dia das crianças a partir das manifestações culturais do contexto em que estão inseridas, como grafite dos muros das cidades. Além disso, esta vivência possibilitou que as crianças realizassem uma interação direta com o artista, o que dá um

novo e mais significativo sentido ao estudo de referências, o que seria impossível de acontecer quando estudamos apenas os grandes artistas da história (que já morreram). ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HORN, Maria da Graça Souza e BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Abrindo as portas da escola infantil. Penso: Porto Alegre, 2022.

BARROS, Maria Isabel Amando. Desemparedamento da infância - A escola como lugar de encontro com a natureza. Alana: Rio de Janeiro, 2018.



Dulcimarta Lemos Lino

Professora no Departamento de Estudos Especializados (DEE) da Faculdade de Educação (FACED) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre e Doutora em Educação. Licenciada em Educação Artística: Habilitação em Música. Líder do Grupo de Pesquisa Escuta Poética e do Programa de Extensão PIÁ. Pesquisadora no grupo Estudos Poéticos: Educação e Linguagem vinculado ao pós-graduação em Educação da UNISC.

Paula Cristiane Emcke

Pós-graduada em Literatura Infantil e Ludopedagogia. Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas. Atua como pedagoga na Escola de Educação Infantil Jesus Menino (Secretaria Municipal de Educação de São Leopoldo) e Professora de Biologia no Ensino Fundamental (Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Escuta Poética (FACED/ UFRGS). Professora de música do Projeto Barulhar (SMED São Leopoldo).

Festa na floresta: música brasileira na escola

Festa na Floresta! Na escuta a música brasileira inventada na escola pública. Música feita COM crianças e COM pedagogas na sala de aula. Resistência criativa de coletivos colaborativos. Tudo inicia dentro do *Projeto Barulhar* (UFRGS, 2021), parceria da Secretaria Municipal de Educação (São Leopoldo) com a Faculdade de Educação (UFRGS). Fazer valer a lei: música no cotidiano escolar assumida pelas pedagogas. Iniciamos a formação continuada em educação musical no ano de 2020 apenas com professores da rede interessados e, posteriormente, continuamos a referida formação em pequeno grupo. Duas pedagogas assumiram semanalmente 10 turmas de educação infantil (278 crianças) durante 3 horas, ministrando aulas de música dentro da carga horária curricular escolar.

Nosso relato toca os saberes constituintes das raízes da música brasileira: “os estoques culturais de grupos domesticados (indígenas), de grupos escravizados (africanos) e de grupos das classes subalternas (portugueses). Festa na Floresta surge na especificidade da escuta e pesquisa dos povos originários, suas narrativas e modos de ser e estar no mundo. Entre a experimentação de danças, cantos, mitos, histórias, fotos, visitas às comunidades vizinhas, fomos compreendendo as diferentes etnias e sua cosmo-sônica (STEIN, 2009).

No projeto da Unicef “Deixa que eu Conto” (VELHO, 2020, p.115) conhecemos *Katui*. Menina indígena que aprendeu com os anciãos de sua aldeia a respeitar e amar a floresta. Um dia, *Katui* descobre que parte da floresta foi derrubada, o que causava

grande tristeza para seu povo. Durante a noite sonhou com a grande árvore, a *samaumeira* que cantava. Com ajuda das pessoas do povo e dos *guainumbis* (beija-flores, na língua Tupi), ela vai procurar a árvore que apareceu no sonho. Quando a encontra, percebe que há um cesto cheio de sementes de árvores nativas. *Katui* compreende a mensagem da grande árvore: reflorestar. Então, ela convida os pássaros para carregarem e plantarem as sementes. Após plantarem cada semente, *Katui*, seu povo e demais habitantes da floresta podem contemplar a mata renascendo e tomando sua forma.

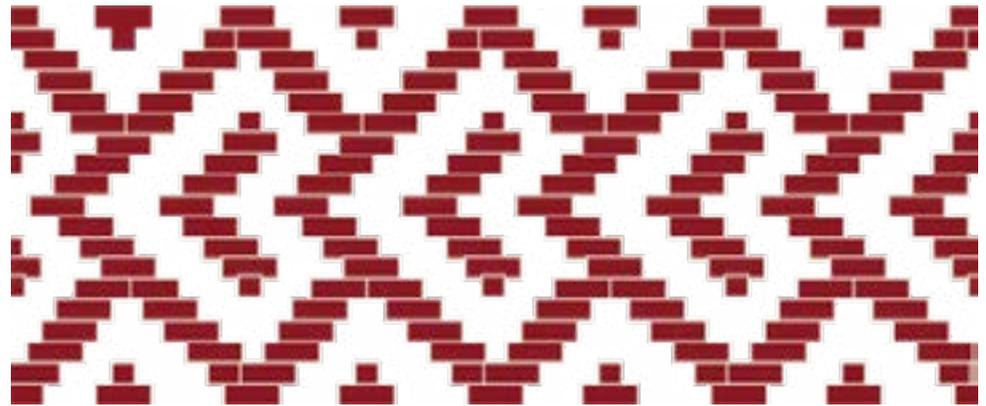
As crianças adoraram a narrativa! Acordaram o corpo para sentir “sua floresta” e escutar a paisagem sonora escolar. Logo fomos entendendo o *Mba"epú nhendú*, o som de todas as coisas do cotidiano para os Mbyá

Guarani. O som vital que vem das pessoas e dos outros seres do cosmos e ao mesmo tempo produz as pessoas e o cosmos. Sendo condição central e possibilidade de início de vida, construção das pessoas e seus corpos, das relações, de produção de conhecimento, de memória, de trocas com outros Guaranis, outros povos originários e não indígenas o som vital é tocado, cantado, dançado, rido, chorado, falado etc (SILVA, 2022).

Perseguimos e fomos reconhecendo os pássaros que cantavam em nossa janela. Escutamos o Rio dos Sinos que ficava do lado da escola, cantamos ao redor daquela árvore grande, a figueira do pátio. Brincamos com o pilão, fazendo a farinha de milho ao entoar o canto de trabalho indígena que aprendemos com Brincantinho conta histórias, *As serpentes que roubaram a noite* de Daniel Munduruku (2001)⁽¹⁾:

**ACORDA MAMÃE VEM VÊ
A PANCADA DO PILÃO BATE
A PANCADA DO PILÃO BATE
ACORDA MAMÃE VEM VÊ**

Quanta emoção ao nos aproximar da cosmologia de alguns povos originários que vivem aqui pertinho: os Xokleng, os Kaingang e os Mbyá Guarani. O alerta de *Katuí* se fez ressonância com Gilberto Gil: *manter de pé o que resta não basta, vamos ser refloresta*⁽²⁾. Assistimos o vídeo da canção Refloresta (GIL, 2021). Des-



PY´ A TYTYA Batida do Coração (Fonte Museu UFRGS)

cobrimos que as sementes carregam as informações de cada planta e que dentro de cada uma há nutrientes que são capazes de mantê-la viva até que encontre um ambiente propício a sua germinação e crescimento.

Investigamos diferentes sementes na escola, suas texturas, tamanhos, cheiros e sonoridades. Separamos essas sementes colocando-as em diferentes cestos *ajaka*, que tem valor simbólico, espiritual e cultural para os guaranis. Os grafismos utilizados em suas cestarias são um jeito de compreender o *Nãndereko*, o jeito de ser guarani. Estudamos o grafismo indígena e percebemos que os códigos e seus significados contam histórias e vivências de determinado povo. Conhecemos o *PY´ A TYTYA* que significa: batida do coração. Grafismo representado nos elementos que são oferecidos como presentes as pretendentes pelos Guaranis Mbyás.

Construímos um *Mbaraka Mirim* (chocalho) com o fruto da Timbaúva (popularmente chamada de ore-lha-de-macaco). Semeamos! Plantamos! Cuidamos de nosso plantio.

A história das sementes foi tema de grande conversação entre as crianças. *"Somos sementes dos nossos pais (...) e... como sementes temos fases de vida"*, disse Tainá (5 anos). Dançamos e cantamos na língua de *Kiringué* (das crianças) e de seus mestres *kyringüé ruvixá* para exaltar o sagrado nascer do sol, cantar dos pássaros e do barro que se amolda em cerâmica.

As crianças passaram muito tempo envolvidas na temática indígena. O encontro com o *Curupira* (guardião da floresta) foi inevitável. Elas se envolveram demais no espírito e nos mistérios do personagem. Segundo Roger Mello (2022), as descrições do *Curupira* variam dependendo da tradição e da região, com um olho só ou não, com cabelo vermelho ou nenhum cabelo, dentes azuis muito altos ou pequenos, mas uma coisa não muda: os pés sempre virados prá trás (para confundir os caçadores) e sempre envolve em travessuras. Certo dia Geovana convida *"sora vâmo fazê uma música?! Com a Katuí e o Curupiiiiiraaaaa?"* (fala com voz assustadora). O convite é feito a toda a turma que prontamente se envolvem na atividade.

O som e a alegria tomam conta da turma. As crianças foram inventando

1 VELASCO, Cristiane; RODRIGUES, Mika. *As serpentes que roubaram a noite*. Brincantinho Conta História. Itaú Cultural. Instituto Brincante, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3t4js5P>. Acesso em jun 2023.

2 Disponível em: <https://bit.ly/465I113>

a letra e a música de forma simultânea, cantando e dançando coletivamente. A professora ia escrevendo e gravando para que não esquecessem suas proposições. Repetindo. Experimentando. Apagando. Fazendo outra vez. A primeira estrofe saiu rapidamente com o refrão. Durante duas semanas reescreveram, cantando e definindo as ações da Katuí e se deliciando em experimentar o espírito do Curupira. Assim nasceu Festa na Floresta, música feita COM crianças e COM a pedagoga na sala de aula. A música surge como um samba carioca. A oficina com os músicos do PIÁ (Programa de Extensão da Faced/UFRGS que realiza concertos e oficinas musicais em escolas públicas) encontrou as crianças desafiando a vivência harmônica e rítmica de sua criação melódica. Momento rico de experimentação e organização do material composto onde as crianças foram acompanhadas de violão e percussão. Arranjo musical definido! Sim! Porém, para fortalecer e aproximar o repertório de crianças e adultos na estética do samba gaúcho, o contato com a sambista Pâmela Amaro e o violonista Max Garcia acabaram por nos ensinar um jeito diferente de fazer nosso samba. Ouvimos os mestres, seus toques e interpretações. Gravamos e cantamos com eles!

No QRCode a seguir compartilhamos nossa criação! Processo de resistência poética feito música EM REDE: crianças + pedagoga+ escola+ músicos do PIÁ+ artistas convidados. Tramando teias e trilhando narrativas com música brasileira na escola pública! Memória tecida no compromisso ético, estético e político da Pedagogia

com o objetivo de dar sustentação ao debate em torno da colonialidade: *“se queres saber quem sou, se queres que te ensine o que sei, deixa um pouco de ser o que tu és e esquece o que tu sabe!”⁽³⁾*

FESTA NA FLORESTA! Ouça Aqui:



Letra da canção:

FESTA NA FLORESTA
Katuí da mata morava na floresta
Ajudava sua mãe e fazia muita festa

FESTA FESTA NA FLORESTA TEM O
CURUPIRA E A CATUÍ
EU TAMBEM VOU IR ME ESPERA AI

Foi ver os passarinhos
Animais também nos ninhos
Cantavam e voavam chamando os
curuminhos

FESTA FESTA NA FLORESTA TEM O
CURUPIRA E A CATUÍ
EU TAMBEM VOU IR ME ESPERA AI

Catuí é curiosa entrou lá na caverna
É amiga dos morcegos
Dança com a centopeia

FESTA FESTA NA FLORESTA TEM O
CURUPIRA E A CATUÍ
EU TAMBEM VOU IR ME ESPERA AI

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LUCAS, Maria Elizabeth; STEIN, Marília R (Orgs). A. YVÝ POTY, YVA'Á – Flores e frutos da terra: cantos e danças tradicionais Mbyá-Guarani. Porto Alegre: Iphan/GEM/PPGMUS/UFRGS, 2009. CD e livro.

MELLO, Roger. Curupira. São Paulo: Global, 2022.

MUNDURUKU, Daniel. As serpentes que roubaram a noite e outros mitos. São Paulo: Editora Peirópolis, 2001.

VELHO, Carolina et all. Guia de Possibilidades Didáticas. Deixa que eu conto: histórias, brincadeiras, curiosidades. História para crianças. UNICEF, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3PFxdQm>. Acesso em 20 jun. 2023.

SILVA, Sandro da. Os tipos de grafismos na cultura Mbyá-Guarani e seus significados na atualidade. Trabalho de Conclusão de Curso (Gr 2020. 40 p. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

3 Palavras de Tierno Bokar. In: TETTAMANZY, Ana Lúcia; SANTOS, Cristina dos. Lugares de Fala, Lugares de Escuta nas literaturas africanas, ameríndias e brasileiras. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018.



Suzanne Rocha Guimarães

Licenciada em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão. Atualmente é professora de Teatro na Escola EduCare, ministrando aulas na Educação Infantil em São Luís/MA.

Pequenos Cazumbás

Linguagem artística ou tema:

Teatro

Cidade em que ocorreu a experiência:

São Luís/Maranhão

Período:

Abril a junho

Objetivo-geral:

Conhecer, valorizar e expandir as manifestações artísticas e culturais do nosso estado, contribuindo para a preservação da cultura popular brasileira.

Detalhamento da ação:

O Cazumbá ou Cazumba, personagem irreverente e brincalhão que se apresenta mascarado no Bumba-meu-boi de sotaque da Baixada, é uma figura mística, nem homem, nem mulher e nem animal, cercado de magias e responsabilidades com o boi.

A partir da escolha dessa personagem para a representação da turma do maternal 2, na festa junina da escola, nasceu Os Pequenos Cazumbás, vivência desenvolvida nas minhas aulas de teatro, com crianças de 2 anos e 5 meses a 3 anos, na escola EduCare em São Luís/Maranhão. Inicialmente, apresentei a história de tudo que o compõe, através

de vídeos e fotografias (retiradas do youtube, site e arquivo pessoal). A ideia era uma forma de aproximação com a figura do Cazumbá, já que de início alguns alunos se assustaram com a máscara chamativa, mas fui encontrando meios mais adequados de conduzir o trabalho. O processo foi criando pertencimento e deslumbramento a partir das cores que os Cazumbás carregam e da exploração dos gestos, na brincadeira do fazer teatral.

Em seguida, expomos a toada "Guerreiro Valente", na voz do mestre Zé Olhinho, do Bumba-meu-boi

Unidos de Santa Fé, com um refrão lúdico e que facilmente envolve todos: "Ê tchun, ê tchan. Ê tchun, ê tchun, ê tchan. Eu vou até de manhã".

Em outro momento, passamos para o experimento do corpo, explorando os elementos da linguagem teatral, conectando-os com a sonoridade do badalo (chocalho), a máscara (também chamada de careta), a vestimenta (uma bata), e a dança, que vira uma brincadeira no espaço de jogo. A coreografia que vai performando giros, o "bumbum" que balança, típico da sua dança em sincronia com o badalo, ganhando movimentos livres, conduzidos pela alegria dos pequenos brincantes.

As crianças fazem dos ensaios uma festa. Todos querem contribuir com alguma informação nova, conquistada durante o processo. A experiência vai se tornando única, ainda mais pela possibilidade de assistirem e estarem próximos do Cazumbá nas apresentações de grupos de Bumba-meu-boi nos arraiais da cidade, que iniciaram o ciclo festivo no final do mês de maio.

Para o desenvolvimento da vestimenta e máscara, as famílias receberam orientações com ideias e inspirações para a confecção a partir das suas escolhas, adaptadas aos olhares dos pequenos brincantes,



Cazumbá, Foto de Hellen Mendonça

que participaram da criação do seu Cazumbá, produzidos com diferentes materiais, como papelão, E.V.A colorido, lantejoulas, paetês e muito brilho.

Muitas perguntas foram surgindo, vindo das famílias no primeiro momento sobre a aceitação do personagem, por saberem que as crianças usariam as máscaras e o receio do não querer, mas foram se familiarizando no tempo e espaço do projeto, no qual alguns pais relataram que não conheciam a fundo o personagem e por incentivo, também se encantaram. Outros ficaram empolgados, por terem o Cazumbá como personagem preferido do Bumba-meu-boi e pela alegria de propagar a potência da cultura popular com nossos pequenos Cazumbás.

“Quando veio o aviso que a turma de Pedro dançaria homenageando o Cazumbá, eu me emocionei e vibrei. Ainda mais ao perceber que ele não iria só apresentar.

**ELE APRENDEU
SOBRE OS SOTAQUES DO
BUMBA-MEU-BOI,
SOBRE OS PERSONAGENS,
SOBRE O CAZUMBÁ.
E TAMBÉM SOBRE OS
ELEMENTOS QUE O
CARACTERIZAM.
COLEI CADA LANTEJOULA,
CADA FITILHO, COM MUITO
PRAZER.**



Maria Clara, Foto de Arthur Brito

A máscara foi feita com ajuda empolgada do brincante exigente. E ficou lindo. Vai ser difícil superar”, relatou Hellen Mendonça, mãe do aluno Pedro.

Considerações finais:

Os alcances de toda a vivência que o personagem Cazumbá provocou, a partir de pesquisas, trocas, brincadeiras compartilhadas durante o processo, entre essas duas instâncias: escola e família, foi de uma experiência enriquecedora. Culminamos na festa junina, junto de todo o público da comunidade escolar com manifestações culturais apresentadas também por outras turmas. Por fim, os pequenos Cazumbás, cheios de pertencimento pisaram em outros territórios, ora dentro da brincadeira do Bumba-meu-boi nas festanças dos arraiais espalhados pela cidade, ora em festinhas familiares, junto dos seus. Enquanto professora,



Levi, Foto de Arthur Brito

aponto caminhos, com total intencionalidade de provocar o sentir, o fluir, e ali vejo o quanto a arte se revela de forma grandiosa, fazendo da infância uma revolução. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

O CAZUMBÁ. Boi de Santa fé, 2023. Disponível em: <<https://www.boidesantafe.com.br/>>. Acesso em: 22.05.2023.

BOI DE SANTA FÉ. Guerreiro Valente. São Luís: Zabumba Records, 2021. Fixa 11.

TV ASSEMBLÉIA MARANHÃO. Histórias de São João: Cazumbá, figura mística do Sotaque da Baixada. YouTube, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gKA1Z-2QAxQ>>.

FERREIRA, Thais; FALKEMBACH, Maria Fonseca. Teatro e dança nos anos iniciais. Porto Alegre: Mediação, 2012.



Márcia Silveira Cassol

Mestranda no PPGE-LP4- Educação e Arte/UFMS. Membro do Grupo de Pesquisa Mirarte.

Professora titular da rede de Educação Básica, municipal e estadual na cidade de Santa Maria/RS.

A potência das imagens como disparadora de percursos investigativos na educação básica: prática artística e produção de sentido

Resumo

Nesse artigo apresentamos um recorte de uma prática artística desenvolvida em uma Escola de Educação Básica, na cidade de Santa Maria- RS, em 2018. Objetivamos investigar a potência das imagens como disparadora de percursos investigativos no ensino da Arte, a partir do estudo e análise da obra Guernica (1937) de Pablo Picasso (1881-1973) relacionando com o contexto social e político daquele momento. O aporte teórico, recorreremos a Fernando Hernández (2013, 2011 e 1998) e Lutiere Dalla Valle (2018, 2017 e 2015), que juntamente com a Cultura Visual e a abordagem edu(vo)cativa e o estudo das obras/imagens, como potencializadoras para pensar e aprender sobre estas, produzir sentido e refletir sobre a construção da docência em Arte. Propusemos momentos de trocas e diálogos com questões que estão ligadas aos contextos sociais e que foram entrelaçadas com a Arte, oportunizando uma experiência significativa, favorecendo o protagonismo dos estudantes através da produção de narrativas visuais.

Palavras-chave:

Educação, artes visuais e cultura visual.

Introdução

Vivemos rodeados por acontecimentos políticos, sociais, econômicos, onde os conceitos e valores mudam seus significados e são reinterpretados constantemente. Assim, é importante valer-nos do ensino da Arte para problematizar questões que fazem parte da cultura e do cotidiano ao qual estamos inseridos. Perceber as imagens, estabelecendo relações e conexões, suscitando novas indagações e atravessamentos, são desdobramentos que a Cultura Visual e a Arte nos oportunizam.

Contextualização da ação

Trazemos um recorte das experiências produzidas em uma escola da Rede Pública, localizada na cidade de Santa Maria/RS, com uma turma de nono ano com aproximadamente 24 estudantes. O principal objetivo da proposta foi fomentar relações e aproximações a partir da obra Guernica (1937) de Pablo Picasso (1881-1973). A escolha da obra se deu por acreditarmos na potência dessa imagem para produzir novos entendimentos e assim permitir que os estudantes pudessem se expressar a partir dela.

Como aporte metodológico e conceitual trazemos a potência edu(vo)cativa, cunhada por Valle (2015), onde o uso das imagens/obras, são ancorados por propostas que consideram as experiências de visualização e estudo das imagens sob três aspectos norteadores: “educativo, evocativo e cativo no que está relacionado ao caráter ilustrativo/informativo das imagens; àquilo que evoca/mobiliza aspectos da memória e, a seu aspecto cativo enquanto artefato visual/cultural que seduz e aprisiona a partir do olhar” (DALLA VALLE, 2015,



p. 178). Segundo Hernández (1998, 2011 e 2013), o processo educativo e a pesquisa pelos estudos da Cultura Visual, estão imbricados com os modos de ver e serem vistos e são instituídos a partir do que está sendo visto e se organiza, tanto coletivamente, quanto individualmente.

A cultura visual, entrelaçada à educação, pode estar articulada a diferentes temas, contextos, imagens, metodologias, aos modos de olhar, percepções, diálogos. Propõe outros relatos, observações, indagações aos artefatos que estão vinculados às narrativas e ao que os estudantes trazem, entendendo-as como não neurais, mas produzidas.

DO ESTUDO DE UMA OBRA DE ARTE

As Criações Artísticas

Ao dialogar com a obra *Guernica*⁽¹⁾ (1937), de Pablo Picasso (1881-1973), suscitamos reflexões trazendo à tona as temáticas sociais e políticas que pudessem estar vinculadas naquele contexto e a partir das quais, pudessem produzir uma narrativa visual. Organizamos os grupos, a pesquisa no laboratório, identificamos características formais e cromáticas. Promovemos discussões permitindo que os elementos apresentados na obra pudessem ser (re)significados e assim, convidamos-os a pensarem em fatos ou acontecimentos que remetesse a algumas sensações, sentimentos ou desconfortos que a obra tivesse promovido aos grupos.

Foi proposto aos grupos a criação de narrativas visuais sobre o que haviam refletido, escolhendo as

materialidades de representação. Fomentamos algumas hipóteses, instigando interações a partir de fatos locais, emergidos do cotidiano, de suas preferências em relação ao mundo que os cerca e do que produziu sentido. Pois, “o estudante não é meramente um copiator e repetidor de conteúdo, mas um sujeito atuante neste processo de aprendizagem” (MASETTO, 1992, apud. OLIVEIRA, 2013, p. 126). Aprendizagem que, segundo Hernández,

favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação ao tratamento da informação, e a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses, que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, a transformação da informação procedente de diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio (1998, p. 60).

Tencionamos problematizações, oportunizando o pensamento crítico, diálogos e outras conexões, uma vez que essa interação se dá através das relações que criamos com as imagens, se ela nos afeta, cria empatia, gera lembranças, e assim produz sentido.

Com essas visualizações, colocamos-nos a refletir sobre as obras/imagens e os artefatos culturais que podem ser potencializadores de articulações com a realidade e com o contexto social. Dalla Valle, menciona que, ao almejarmos desenvolver nossas práticas com/a partir da

potência edu(vo)cativa, a qual, “tenciona caminhos alternativos [...], em que sejam articuladas as relações de aprendizagem potencializadas a partir de sua visualização” (DALLA VALLE e RAVANELLO, 2017, p. 81)”, é importante entendermos qual a intenção ao convidá-las a adentrar os espaços escolares, ao passo de termos o cuidado de não direcionar ao nosso interesse as criações e significações que devem partir dos estudantes.

Transitar entre imagens e obras, entrelaçando diálogos, trazendo notícias e histórias que marcaram vidas, são práticas de significação “para aprender com sentido e construir experiências de saber que lhes permitam não somente interpretar o mundo, mas também atuar nele” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 92).

A cultura visual oportuniza uma contínua reflexão sobre escolhas. Entender o quão complexo é nos colocarmos como agentes relacionais e nos desvincularmos de práticas tradicionais, estimulando a autonomia e o protagonismo e criar as próprias narrativas, sem que os influenciamos. Ou, como é tratado por Dalla Valle ao discorrer sobre os artefatos visuais, que

[...] enquanto provocador – que desafia, que incita o jogo e o desconforto a partir daquilo que discrepa do habitual – pode adquirir o caráter edu(vo)cativo: aquele que nos ajuda a pensar a multiplicidade de pontos de vista, na diversidade de alternativas para narrar, e principalmente, a não buscar apenas os mesmos tipos de referências, mas as diversidades das representações (2018, p. 172).

¹ *Guernica* é uma obra do pintor espanhol e cubista Pablo Picasso. Ela retrata a cidade de Guernica durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Trata-se de uma das obras mais emblemáticas do artista produzida em 1937.

Nesta representação os alunos apropriaram-se de uma imagem para (re)significar e fazer intercruzamentos, fomentando novas discussões a partir de um fato local trágico, ocorrido em janeiro de 2013, onde 242 pessoas morreram dentro de uma boate nesta cidade e que repercutiu mundialmente. Essa narrativa atíça sentimentos de dor, desespero, sofrimento e impunidade. Ao narrar visualmente, estabelecem relações com os elementos da obra “Guernica”, trazendo para suas visualidades tensões também geradas pela obra estudada. Há uma resignificação, na imagem central, pelo prédio, onde sai fumaça com a descrição Kiss, em destaque. As narrativas rememoram parte de angústias e incertezas compartilhada pela comunidade, a sensação de impunidade e o descaso das autoridades.

É UMA HISTÓRIA VIVA, POIS FAZ PARTE DAS NOSSAS HISTÓRIAS, E QUE AO SER (RE) SIGNIFICADA, PERCEBEMOS NÃO EXISTIR UMA ÚNICA VERDADE, UMA HISTÓRIA, MAS HISTÓRIAS, QUE SÃO CONTADAS PELOS OLHARES DE QUEM AS VIVENCIOU.

A Educação da Cultura Visual acontece como uma compreensão dos processos cognitivos entre aqueles que produzem e os que apreciam a visualidade da vida e, desse modo, nos convida a ponderar sobre o imaginário social como se fosse uma instalação de assuntos sociais que

afetam nações, conceitos, opiniões, valores e apreciações das visualidades que na cultura do cotidiano espetacular é capaz de engajar as práticas escolares em uma práxis de justiça social (DIAS, 2012, p. 69).

Visualidades, que por meio da cultura visual, propõem contextualizações críticas sobre o que vemos, os acontecimentos, as histórias, as posições políticas e sociais, os modos de agir, gerando novos conhecimentos ao instigar e refletir.

Considerações finais:

Ao selecionar a obra “Guernica” pensamos nela como um disparador de temas contemporâneos e que dialogassem com realidades sociais que estão presentes nos diferentes contextos. Um olhar que se configurou nas relações traçadas a partir de fatos históricos, relacionando as imagens criadas a partir desses fatos, imagens artísticas e produções escolares, problematizando criticamente o momento vivido, mostrando-se representados como parte das histórias narradas.

Fernando Hernández (1998, 2011), menciona que ao partirmos da perspectiva educativa da cultura visual, comungamos de uma educação em um sentido amplo, não somente sobre o que passa dentro de uma sala de aula com os conteúdos disciplinares regidos pelos livros-texto, mas a partir das relações estabelecidas pelos corpos dos sujeitos, suas inquietudes, as imagens que habitam seus imaginários, suas perspectivas diante da cultura com a qual se percebem. Assim, as aprendizagens sobre o mundo podem construir-se a partir das relações entre as pessoas, mediadas pelas trocas de saberes,

pelos diálogos, percepções que promovem deslocamentos. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Belidson. Arrastão: O cotidiano escolar e práticas pedagógicas críticas. In. MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Culturas das imagens: desafios para a arte e a educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012, v. 3, p. 55-74.

HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. In. MARTINS, Raimundo. TOURINHO, Irene. (Org.). Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação. v. 4, p. 77-96. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

HERNÁNDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação os projetos de trabalho. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 1998.

VALLE, Lutiére D. A potência Edu(vo)cativa das imagens fílmicas na (com)formação de gênero: experiências de aprendizagens a partir do cinema. In: LISBOA FILHO, Flavi. F.; SILVA, Thomas J. (orgs.). Cultura e identidade: subjetividade e minorias sociais. Santa Maria: FOCUS – UFSM, 2018. p. 165-183. 1 e-book.

_____. “Quem aprendi a ser a partir dos filmes que vi” explorando o potencial narrativo/evocativo/pedagógico do cinema no contexto educativo. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Org.). Educação da cultura visual: aprender... pesquisar... ensinar... (v.6) p. 211-237. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015.

Documentos eletrônicos
VALLE, Lutiére D., RAVANELLO, Leticia. A potência edu(vo)cativa do cinema e os desafios à lei 13.006/2014 na escola. Revista do LAV. Santa Maria, Editora da UFSM, v. 10, n. 2, p. 79-91, maio/agosto, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/46sPHdm>



Adineia Araujo da Silva
Professora de Arte da Rede Municipal de Santa Maria, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, PPGE/ LP4/ UFSM, Membro Pesquisador do MIRARTE.

Mundo Invertido da Arte Contemporânea: Circunstâncias de Aprendizagem no ensino das Artes Visuais

Resumo

O presente relato corresponde a um excerto da investigação de mestrado do curso de Pós Graduação em Educação (PPGE), linha de Educação e Artes da Universidade Federal de Santa Maria. Tem como foco principal a criação de Circunstâncias de Aprendizagem (DELIGNY, 2018) nos Anos Finais da Educação Básica, tendo a série estadunidense *Stranger Things* como disparadora. Esta proposição produziu experiências no ensino de Artes Visuais, evocando imagens da Arte Contemporânea em relação a referida série a partir de sete características apontadas pelos/as estudantes: Mundo invertido; Luzes pisca-pisca; Aranhas; Natureza queimada; Raízes; Monstros; Violência e caos. A partir destas características, friccionamos às imagens das obras de sete artistas contemporâneos: Chiharu Shiota, Yaioi Kusama, Louise de Bourgeois, Ernesto

Neto, Frans Krajcberg, Fefê Talavera, Jean-Michel Basquiat. Os estudantes desenvolveram pesquisas que foram apresentadas em forma de seminário e experimentos visuais. Apresentaremos resultados destas Circunstâncias de Aprendizagem que evidenciam a importância de instigar o pensar a partir das imagens, incentivando o olhar para as mais diversas visualidades, ampliando repertórios e oportunizando o protagonismo dos/das estudantes.

Palavras-chave:

Circunstâncias de Aprendizagem, Cultura Visual, *Stranger Things*, Ensino, Artes Visuais.

Introdução

O que pode uma imagem fílmica ou de série? Como uma memória, instrumento de aprendizagem, ou como um disparador para proposições pedagógicas, quantas possibilidades e

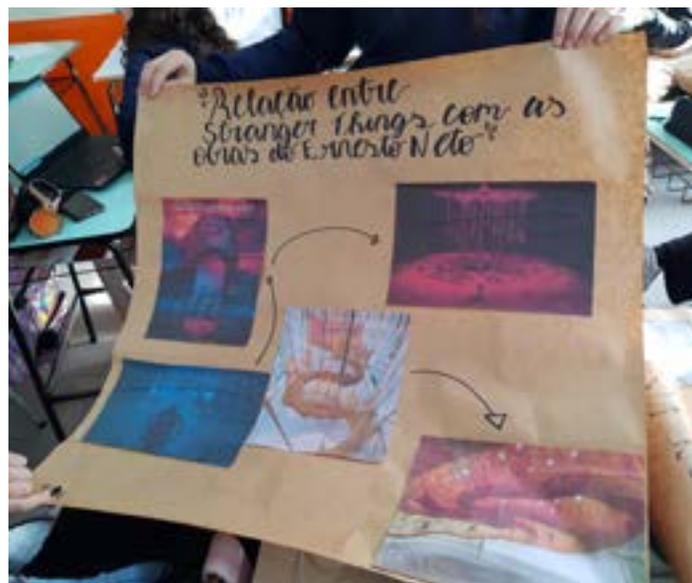
caminhos transitamos a partir dessas imagens?

Dos diálogos com os estudantes de oitavo e nono ano da escola municipal onde atuo, surgiu a ideia de uma proposição na qual desenvolvemos Circunstâncias de Aprendizagem (DELIGNY, 2018), a partir das imagens fílmicas, oriundas do universo da série *Stranger Things*.

Contextualização da ação

A ideia de criação de uma Circunstância de Aprendizagem (DELIGNY, 2018) parte do propósito de desenvolver outros modos para a realização de proposições pedagógicas que envolvam o/a estudante a partir do seu próprio contexto, suas potencialidades ou aquilo que o/a afeta.

Para Deligny, o/a professor/a é um criador/a de circunstâncias, pronto para avançar por territórios desconhecidos, pensando na relação ensino-aprendizagem que foge dos pa-



râmetros educacionais, valorizando ações e experimentações.

A palavra circunstância denota para Fernand Deligny uma condição experimental, acionada a partir de uma ruptura, evidenciando o processo do/da estudante enquanto protagonista e especialista no seu território (AZEVEDO, 2018).

Nessas experiências, não se aprende somente sobre as Artes Visuais ou Cultura Visual. Aprende-se ao colocarmos as imagens em contexto sobre como nos relacionamos conosco, com o outro e com o mundo.

Metodologia

Nesta proposição, evocamos imagens da Arte Contemporânea a partir da estética da série Stranger Things observando sete características apontadas pelos/as estudantes.

Incentivamos os alunos a encontrar a relação e desenvolver uma pesquisa, buscando entender como o universo da Arte Contemporânea pode interagir com o universo Stranger Things.

Os trabalhos foram apresentados em forma de seminário e cada grupo

de estudantes produziu um experimento visual envolvendo a relação estética do artista com a estética da série. De acordo com VALLE (2019:12).

APRENDEMOS ATRAVÉS DO ATO DE ESTABELECEER RELAÇÕES – O CONHECIMENTO NÃO ESTÁ EM SI MESMO, MAS NAQUILO QUE É PRODUZIDO A PARTIR DAS CONEXÕES, DOS DIÁLOGOS ESTABELECIDOS. É IMPORTANTE PENSARMOS QUE TODOS OS MÉTODOS SÃO INVENÇÕES, FORAM CRIADOS E LEGITIMADOS A PARTIR DE CRITÉRIOS ESPECÍFICOS.

O autor trata sobre a forma como aprendemos no momento em que colocamos as imagens em relação. Estabelecer estas relações, além de

produzir o conhecimento empodera o/a estudante para o exercício de compreender as visualidades mais complexas.

Na arte contemporânea, as visualidades se inter cruzam, a obra não possui necessariamente um único significado. O observador pode interpretar a partir do seu próprio olhar e suas vivências, atribuindo-lhe outros sentidos para o que vê e vivencia.

Cores escuras, vermelho e preto, objetos suspensos e linhas que se parecem com teias foram as características que mais evidenciaram a relação entre o trabalho da artista Chiharu Shiota e o Mundo Invertido.

Ao pesquisarem, os/as estudantes aprenderam sobre instalações e as diversas materialidades possíveis de serem utilizadas, como objetos do nosso convívio comum, camas, portas e barcos.

As obras da artista Yaioi Kusama dialogam com as imagens das cenas de luzes pisca-pisca que aparecem na série. Porém o/as estudantes foram além, e durante a pesquisa escolheram outra obra da artista que traz



a referência ao monstro da série. Este fato demonstrou que os/as estudantes compreenderam a tarefa, superando as expectativas.

As aranhas no contexto da série remetem ao mal e à destruição, mas para a artista Louise Bourgeois as aranhas representam sua ligação com a mãe. O tecer da aranha, a forma como guarda seus ovos, remete ao movimento da tecelã, a proteção e a feminidade.

Ao desenvolverem a pesquisa, os/as estudantes se depararam com uma maneira diferente de compreender a simbologia desta representação, compreendendo que existem muitas formas de ver a mesma imagem.

As raízes do mundo invertido passam frestas e rachaduras, invadem campos, casas, corpos e mentes. *Stranger Things* apresenta este elemento invasor com o qual podemos fazer diversas analogias, entre elas, a tecnologia, a internet e a Cultura Visual.

Rompendo com estes espaços, real e invertido, ao pesquisarem a obra do artista Ernesto Neto, os estudantes puderam compreender como a Arte Contemporânea rompe paradigmas e invade espaços que antes não eram possíveis.

Natureza queimada, escuridão, fumaça, ruínas. Um lugar hostil e degradado que assusta e ao mesmo tempo desperta curiosidade. Cenários que fazem parte da ambientação do mundo invertido da série *Stranger Things*.

Pesquisar as obras do artista Frans Krajcberg oportunizou aos alunos conhecer um pouco mais sobre a potencialidade de explorar o ativismo ecológico na arte, bem como as possibilidades de interação com o público através da materialidade.

Para a apresentação da pesquisa sobre Fefê Talavera com os monstros da referida série, os/as estudantes criaram um vídeo, mesclando imagens da série com cenas da artista em processo de trabalho. Por meio desta vivência, foi possível explorar outras possibilidades de produção em Artes Visuais, utilizando-se a tecnologia.

**CONHECER A OBRA DE
JEAN-MICHEL BASQUIAT
POSSIBILITOU AOS
ESTUDANTES UM ENCONTRO
COM UM DOS NOMES MAIS
IMPORTANTES DA ARTE NEGRA.
ALÉM DISSO, OS ESTUDANTES
INTERESSARAM-SE PELA
TEMÁTICA DA ARTE URBANA
ENTENDENDO QUE EXISTEM
DIFERENTES FORMAS DE
TRABALHAR O TEMA CAOS E
VIOLÊNCIA.**

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Obtivemos resultados que evidenciam a importância de pensar a partir das imagens enquanto dispositivos que permeiam o mundo carregados de signos e diferentes significados, incentivando o olhar para as mais diversas visualidades que nos cercam, ampliando repertórios e instigando o olhar crítico e reflexivo, bem como o protagonismo dos/das estudantes (VALLE, 2020).

Nestas experimentações, realizamos reflexões, articulando conhecimento e valorizando a diversidade de ideias sobre nosso cenário político atual, sociedade, questões de gênero,

étnico-raciais e outras surgidas no decorrer deste processo.

Os/as estudantes foram protagonistas de suas pesquisas, mergulharam no mundo invertido e se surpreenderam ao perceber que ao ler estas imagens também estão dialogando com as Artes Visuais.

Ao relacionarem as imagens do universo da série e do universo da arte contemporânea sentiram-se mais próximos com a arte, entendendo o quando é importante saber ler estas imagens para interpretar o mundo de forma mais apropriada. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Adriana Barin de. Traços de uma experiência de pesquisa e formação acadêmica: fazer do projeto pensado um agir. Cadernos Deligny volume I / número 1. Disponível em: <https://bit.ly/497R7vW>. Acesso em: 10/10/2022.

DELIGNY, Fernand. Os vagabundos eficazes: operários, artistas, revolucionários: educadores. São Paulo: n-1 edições, 2018.

VALLE, Lutiére Dalla. A potência edu(vo)cativa da arte contemporânea: desafios e possibilidades. Revista Digital do LAV, Santa Maria: UFSM, v. 12, n. 1, p. 82-95, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/45XzU6B>. Acesso em: 13/08/22.

VALLE, Lutiére Dalla. Cultura visual e educação: cartografias afetivas e compreensão crítica das imagens. Rev. Cad. Comun., Santa Maria, v.24, n.1, art 11, p.7 de 20, Jan/Abr.2020. Disponível em: <https://bit.ly/4696pyM>. Acesso em 05/09/2022.



Erickaline Bezerra de Lima

Licenciada em Teatro (UFRN), Mestre em Artes Cênicas (UFRN) e Doutora em Psicologia pela mesma instituição, Professora de Artes na Escola Sesc de Natal/RN.

Estudo da Fotografia no Ensino Fundamental: Desvendando sua função histórica e artística

Tema da aula/projeto:

Estudo da Fotografia no Ensino Fundamental

Faixa etária do grupo participante:

10 anos

Cidade em que ocorreu a experiência:

Natal/RN

Período:

De julho a agosto de 2023

Objetivo-geral:

Analisar a fotografia como linguagem, percebendo sua natureza histórica e artística.

Objetivos específicos:

Compreender o surgimento e evolução da câmera fotográfica e da fotografia;

Conhecer e aplicar as técnicas de experimentação fotográfica na composição de imagens de paisagens (naturais e urbanas);

Reconhecer a fotografia como linguagem artística.

Materiais e recursos necessários:

Para esta proposta foram necessários: tela de projeção, caixa de papelão, lupa, papel vegetal ou manteiga, fita adesiva, tinta preta, pincel, tesoura, caderno para anotações, drive (nuvem) para salvar fotografias tiradas pelos alunos, dispositivo móvel com câmera;

Detalhamento da ação:

O projeto de ensino nomeado “Estudo da Fotografia no ensino fundamental: desvendando sua função histórica e artística” ocorreu na Escola SESC, unidade Potilândia, localizado em Natal no Estado do Rio Grande do Norte (RN). O objetivo dessa pro-

posta era promover aos estudantes do 4ª e 5ª ano do ensino fundamental I, o conhecimento amplo sobre a fotografia, a fim de reconhecer os aspectos históricos e artísticos, experimentando as possibilidades estéticas dessa linguagem.

Certamente, nos dias atuais, a fotografia se faz presente no cotidiano dos alunos devido a facilidade de acesso a dispositivos tecnológicos como os celulares com câmera, por isso, promover um espaço de diálogo e reflexão sobre essa linguagem se faz necessário para que seu potencial estético e pedagógico não seja banalizado.

O projeto se constituiu em duas etapas, que foram: I) A dimensão histórica; e II) A dimensão artística. Ambas se concretizaram a partir da referência metodológica da Abordagem triangular (BARBOSA, 2010) ao

VOCÊ
NÃO FOTOGRAFA
COM SUA MÁQUINA.
VOCÊ
FOTOGRAFA
COM TODA SUA CULTURA.
(SEBASTIÃO SALGADO)



destacar o fazer, apreciar e contextualizar de modo a permitir uma experiência mais significativa em torno da linguagem fotográfica, no decurso das aulas.

Sob essa égide, na primeira etapa foram desenvolvidas aulas interativas que possibilitassem o conhecimento sobre o surgimento da fotografia e suas modificações ao longo do tempo, etapa distribuída em 4 aulas – conforme detalha o quadro a seguir.

Perceber a história da fotografia em seus detalhes, motivou a construir uma câmera escura de papelão e, assim, experimentar o modo como eram capturadas as imagens antigamente. O contato com fotografias antigas de suas famílias revelou o desconhecido sobre seus ancestrais e no encontro da sala ao reunir com as fotografias dos outros colegas foi construído coletivamente uma linha do tempo com diferen-

tes tipos de fotografias, observando qualidade, estilo e cores. Nessa etapa, a fotografia mais antiga do projeto foi de uma aluna do 5ª ano que trouxe uma foto datada do ano de 1908.

Em seguida na etapa 2, denominada Dimensão artística foram conduzidas experimentações mais diretas acerca da constituição técnica e estética da linguagem fotográfica, conforme mostra o quadro a seguir.

Quadro 1: A dimensão histórica da fotografia (Etapa 1)

	Metodologia
Aula 1	<ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentação histórica do surgimento da fotografia, apresentação do vídeo "Quem inventou a fotografia? E como a imagem é capturada", disponível no You tube. 2. Cada aluno anota em seu caderno, pelo menos três aspectos que achou interessante do vídeo. Em seguida houve o compartilhamento com a turma. 3. Solicitação de materiais para construção de uma Câmera escura na próxima aula.
Aula 2	<ol style="list-style-type: none"> 1. Construção da Câmera escura a partir de caixa de papelão, papel manteiga, tinta preta, pincel, tesoura, lupa. 2. Após concluir a produção da câmera os alunos são convidados a experimentá-la e conversar sobre o processo ao final da aula.
Aula 3	<ol style="list-style-type: none"> 1. Exercício em sala de construção de legenda das fotografias. Será projetada uma seleção de fotografias mais conhecidas do mundo, os alunos farão uma legenda imaginada e adivinharão o ano da foto. Em seguida, será revelada a história real, o ano da fotografia e seus respectivos autores. 2. Solicitar que o aluno traga na aula seguinte a fotografia mais antiga que encontrar em casa. E investigue junto aos familiares as seguintes informações sobre a foto: Data da fotografia; Quem são as pessoas?; Onde foi tirada a foto; E qual história por trás da fotografia.
Aula 4	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cada aluno expõe para a turma as informações sobre a fotografia 2. Construção da linha do tempo do desenvolvimento da fotografia a partir das fotos trazidas pelos alunos. 3. Nessa etapa é possível abordar os diferentes tipos de fotografia, épocas, mudança da qualidade da foto, detalhes da imagem – etc.

Fonte: produzido pela autora do projeto





Quadro 2 – A dimensão artística (Etapa 2)

Metodologia

Aula 1	<ol style="list-style-type: none"> 1. Regra dos terços na fotografia, compreendendo conceitos básicos. 2. Experimentação fotográfica na escola, utilizando tablets disponíveis da instituição.
Aula 2	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aula expositiva sobre Fotografias de paisagens naturais e urbanas, apontando suas características estéticas. 2. Atividade para casa: Os alunos realizam cinco fotografias seguindo as referências aprendidas em aula e salvam na pasta compartilhada em nuvem.
Aula 3	<ol style="list-style-type: none"> 1. Resgate das fotografias feitas pelos alunos, apreciação coletiva pelo projetor. 2. Discussão das experiências e seleção de uma foto por autoria para ser posta na galeria do final do projeto.
Aula 4 e 5	<ol style="list-style-type: none"> 1. Organização dos elementos da exposição juntos com os alunos, na ocasião são dispostos os materiais produzidos no decurso das aulas: câmera escura de papelão; todas as fotografias antigas que os alunos trouxeram para evidenciar a parte histórica; e a seleção das fotografias de paisagens (urbanas e naturais).

Com as aulas de referência, os alunos puderam apreciar fotografias de fotógrafos reconhecidos, ressaltando aspectos técnicos e estéticos da composição da imagem. E com isso, terem a experiência de realizar suas fotografias artísticas a partir do aprendido em sala.

Considerações finais:

O projeto “Estudo da Fotografia no ensino fundamental: desvendando sua função histórica e artística”, obteve êxito em todas as suas etapas, o envolvimento dos estudantes era nítido. Entenderam a história da fotografia de modo dinâmico e produtivo, conheceram da família suas fotografias mais antigas. E experimentaram a linguagem fotográfica em suas características artísticas de forma a contribuir para o olhar sensível sobre a realidade. Por fim, organizaram uma exposição onde puderam perceber todo o aprendizado concreto em seus materiais e arquivos, os quais foram produzidos no decurso das aulas, apresentando para os colegas de outras turmas e pais convidados. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. A câmara clara: notas sobre a fotografia; tradução de Júlio Castoñon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: MEC, 2017. Disponível em <https://bit.ly/3tdB1AM>. Acesso em 04/08/2023.



Pâmela Fogaça Lopes
Docente de artes no ensino fundamental SESC, Novo Hamburgo/RS.
Mestre em Artes Visuais (UFPel, 2021) e graduada em Teatro (Uergs, 2017).

Abrindo cirandas para a arte popular na escola: uma experiência no Ensino Fundamental Sesc

Tema do projeto:

A arte popular e a ciranda.

Faixa etária do grupo participante:

6 a 7 anos.

Cidade em que ocorreu a experiência:

Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul.

Período:

De junho até julho de 2023.

Objetivo-geral:

Valorizar a diversidade de saberes, modos de expressão, padrões culturais e de sociabilidade dos diversos grupos étnicos, culturais e sociais que constituem a identidade brasileira.

Objetivos específicos:

Explorar as potencialidades expressivas do corpo e da voz; perceber que as linguagens podem aparecer interligadas, integradas ou hibridizadas em algumas obras e manifestações artísticas; compreender e saber identificar a arte como fato histórico contextualizado, co-

nhecendo, respeitando e observando as produções presentes tanto no entorno da escola, quanto aquelas que fazem parte do patrimônio cultural da humanidade; reconhecer e valorizar culturas populares, matrizes afro-brasileiras e indígenas, e aquelas presentes nas comunidades e culturas locais e regionais.

Materiais e recursos necessários:

Sala ampla, projetor, caixa de som, computador com seleção de vídeos, giz, cartolina e materiais riscantes, blocos de montar, garrafas de plástico e sementes.

Detalhamento da ação:

Esse texto conta sobre algumas práticas realizadas nas aulas de artes, pela turma de primeiro ano na Escola Sesc de Ensino Fundamental - Novo Hamburgo, para um acercamento com a cultura popular, sua valorização e vivência através da ciranda.

Começamos a nossa pesquisa a partir das cirandas presentes no re-

pertório das crianças, riscando com giz um grande círculo no chão, percebendo o espaço, dando as mãos na roda, cada criança ia buscando na memória as suas cantigas: “Como pode o peixe vivo, viver fora da água fria”; “borboletinha tá na cozinha”; “o sapo não lava o pé”. Primeiro elas cantaram, depois eu propus: “Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar, vou dizer que bicho é, e vocês vão ter que imitar! Elefante, rato, cobra, passarinho”, e o centro da roda foi virando brincadeira e gargalhada. Apreçiamos as xilogravuras “Ciranda”, de Severino Borges e “Ciranda dos Bichos”, de J. Borges, artistas pernambucanos, fazendo relações com a nossa brincadeira de imitar e aproveitando a roda de conversa para falar um pouco sobre a cultura da ciranda no Brasil, em especial no nordeste.

Investigamos as propriedades da música, utilizando chocalhos feitos por nós com garrafas pet e grãos de pipoca, peças de brinquedo, ou o som das palmas e pés, para marcar o ritmo quaternário (que acontece em

quatro tempos), estudando as intensidades (fraco, forte), em músicas como “Sapo Cururu”, “Cirandeiro”, “Casa de Farinha”.

Assistimos, em vídeo, uma entrevista para o jornal da artista pernambucana Maria Madalena Correia do Nascimento, conhecida como Lia de Itamaracá, na ocasião homenageada pelo bloco afro-feminino Ilú Obá de Min no carnaval de São Paulo, em 2020. Na entrevista, Lia fala brevemente de sua carreira e da famosa ciranda “Quem Me Deu foi Lia”, gravada pela pesquisadora Teca Calazans. Expliquei para as crianças que essa pesquisadora estava fazendo um resgate de músicas de domínio público, e que Lia cantava para ela essas canções; que Teca Calazans gravou em 1963 e acrescentou à ciranda de domínio público “Oh cirandeiro, cirandeiro oh, a pedra do teu anel brilha mais do que o sol”, uma estrofe onde diz “esta ciranda quem me deu foi Lia/ que mora na ilha de Itamaracá” (Esta ciranda quem me deu foi Lia que mora na Ilha de Itamaracá, 2016, p.3).



Registro da aula de artes, do primeiro ano da Escola de Ensino Fundamental Sesc – Novo Hamburgo/RS.

Ensinei um passo base de ciranda, alternando pé direito para frente e para trás, e outros gestos como brincar com os braços em movimentos semelhantes às ondas do mar, para baixo e para cima em agradecimento, e também dançar fechando e abrindo a roda. Nesse sentido, assistimos dois vídeos, um da Cia de Danças e

Folguedos (BA) e outro da artista Mariene De Castro, observando os passos das cirandas apresentadas e escolhendo alguns gestos para que as pudéssemos experimentar em nosso dançar e brincar, formando sequências. Terminamos esse ciclo de pesquisas com uma grande roda, cantando, dançando e batendo palmas e pés na marcação de músicas de Lia de Itamaracá.

Considerações finais:

O encontro das crianças com a ciranda durante as aulas de artes foi intenso e alegre. O corpo brincante na ciranda abre a roda na escola, para a percepção de uma expressão interdisciplinar, que integra a dança, a música, a brincadeira e também a visualidade.

Em se tratando de crianças que saíram da educação infantil e estão no primeiro ano do ensino fundamental, a ciranda foi um caminho encantado entre a cultura da infância, seu mundo experienciado na escola e em casa, suas memórias e a expressão popular da ciranda como manifestação cultural.

Surgiram questões como, por exemplo: O que é cultura popular? O que é uma mestra ou mestre de cultura popular? E, a partir da história de Lia de Itamaracá e sua produção, pudemos entender e pesquisar um pouco mais sobre o trabalho desses fazedores culturais e a dança praticada por trabalhadoras e trabalhadores rurais, pescadores, operários e biscoiteiros; bem como, sobre as matrizes culturais da ciranda em nosso país, falando principalmente sobre a expressão de costume praieiro da região de Pernambuco, reconhecendo a importância das raízes afro-brasileiras nessa expressão.

A roda de ciranda convidou a dar as mãos, compartilhando estados de celebração e aprendizagem, entendendo juntos a marcação do passo, que por vezes foi desafiadora no que se refere a cadência da música e a organização corporal e espacial do grupo na brincadeira.

Os estudantes expressaram-se energeticamente, dividindo descobertas e enriquecendo seu repertório. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL DE FATO. Lia de Itamaracá e ‘a ciranda no meio do mundo’. YouTube, 2020. Disponível em <https://bit.ly/3tNtAR2>. Acesso em 12/06/2023.

CIA DE DANÇAS E FOLGUEDOS. Ciranda. YouTube, 2021. Disponível em <https://bit.ly/40dkZmD>. Acesso em 03/07/2023.

ESTA CIRANDA QUEM ME DEU FOI LIA QUE MORA NA ILHA DE ITAMARACÁ. Portal Geledés, 2016. Disponível em <https://bit.ly/3SbS00g>. Acesso em 12/06/2023.

MARIENE DE CASTRO. Mariene De Castro - Cirandas. YouTube, 2011. Disponível em <https://bit.ly/46NtBTx>. Acesso em 15/07/2023.

SESC. Departamento Nacional. Proposta pedagógica : ensino fundamental / Sesc. Rio de Janeiro : Sesc, Departamento Nacional, 2022.



Tiago Silva

Doutorando em Artes Cênicas pela UFRGS. Bacharel em Direção Teatral pela mesma Universidade. Encenador e Dramaturgo. Professor de Teatro com ênfase em Educação Cênica de crianças e adolescentes.

Circunstância:

Texto adaptado, criação dramaturgica e a identidade de grupo como engendramento criativo no espaço escolar

Linguagem artística ou tema:

Teatro e criação dramaturgica.

Cidade em que ocorreu a experiência:

São Leopoldo (RS).

Período:

2022.

Objetivo-geral:

Investigar a adaptação de um texto dramático no contexto escolar por meio de uma criação dramaturgica que priorize a identidade de grupo e as potencialidades criativas dos estudantes como vetores fundamentais desta ação.

Detalhamento da ação:

No segundo semestre de 2022, comecei a montar um espetáculo com uma turma de alunos e alunas da Oficina de Teatro do Ensino Médio no Colégio Sinodal, em São Leopoldo (RS). Esta instituição, além de manter aulas regulares de Teatro em seu currículo

desde o 5º ano do Ensino Fundamental, também mantém oficinas de montagem teatral como parte das atividades extracurriculares dos estudantes. Responsável por estas oficinas no ano supracitado, questionei-me sobre o que montar em cada uma delas - as turmas são separadas por ano e faixa etária - querendo, não obstante, que a experiência fosse significativa para todos. Sempre foi uma questão importante para mim, como professor de Teatro que trabalha com crianças e adolescentes, que o processo criativo ligado a montagem de um espetáculo teatral no espaço escolar fosse um momento prazeroso de pesquisa, experimentações, descobertas e respeito mútuo entre as pessoas envolvidas. Para isso acontecer, contudo, sempre vi como necessário realizar alguns acertos prévios, antes mesmo do processo de montagem em si iniciar. Entre eles, a escolha sobre o que, de fato, montar.

Esta não foi uma tarefa fácil para a montagem que este relato de experiência aborda. E houve uma questão primordial para a dificuldade dessa escolha se estabelecer: eu entrei nesta instituição em maio de 2022, após a saída da professora de Teatro que me antecedeu, em um período onde, supostamente, o processo de montagem da peça a ser apresentada já deveria estar em andamento. Além disso, existia um elemento pessoal que somava-se a essa particularidade: o meu trabalho criativo como professor diretor em espaços escolares, sejam formais ou não formais, sempre se deu na base do conhecimento amplo dos alunos e alunas com os quais atuo. Entrei no Colégio Sinodal de São Leopoldo com a incumbência de começar a montar imediatamente dois espetáculos nas oficinas - um com o Ensino Fundamental, um com o Ensino Médio - porém, não conhecia plenamente aquelas crianças e

adolescentes. Ainda não tinha estabelecido vínculos ou afeto sólido, a meu ver tão essencial para que tudo aconteça da melhor forma possível. Então, o que fazer? Como iniciar e proceder durante o processo? O que escolher, afinal, para montar?

CIRCUNSTÂNCIA, espetáculo montado com a oficina de Teatro do Ensino Médio no segundo semestre de 2022, nasceu de uma busca que desenvolvo nos espaços escolares onde atuo há bastante tempo: a observação contínua das potencialidades de cada estudante como vetor para a criação dramática. Entendendo a dramaturgia de maneira ampla, como um lugar de possibilidades onde essas potencialidades múltiplas podem - e devem - rever-

berar, iniciei uma série de propostas de exploração cênica que tangenciaram a escolha sobre o que e como montar na oficina. De maio a julho de 2022, escolhi e realizei dinâmicas que pudessem me auxiliar na descoberta de quem eram aqueles e aquelas estudantes que ali estavam, sentados por estarem em cena e criar algo significativo nela. Sendo assim, planejei e executei três eixos de composição dramática ao longo das aulas que partissem exclusivamente de sua relação com o Teatro, ainda que com a minha orientação e mediação permanente.

A partir dos eixos de narração, adaptação e jornada de personagem pude desenvolver propostas diversas e visualizar, com mais propriedade,

quem eram as pessoas com as quais estava lidando e que tipo de dramaturgia poderíamos desenvolver juntos em nossa montagem nos meses seguintes. Nos exercícios de narração, trabalhamos formas de contar histórias, explorando de diferentes maneiras o uso da primeira e terceira pessoa, bem como o uso do silêncio em situações diversas que eu lhes sugeri. Nos exercícios de adaptação, trabalhamos a apropriação e a transposição cênica de textos prévios, incluindo um fragmento literário que transformou-se em cena individual que pôde mostrar diversas de suas potencialidades, sendo este o primeiro exercício realizado. Por fim, os exercícios de jornada de personagem construíram a possibilidade de



relação ampliada com o espaço do colégio, pois o principal destes exercícios tinha como objetivo ser uma personagem de ficção que estivesse, efetivamente, transitando por diferentes espaços da instituição. Cabe ressaltar que todas estas ações tiveram o protagonismo criativo dos alunos e alunas como instância primeira, como um modo de criar subsídios para a dramaturgia da montagem a ser realizada.

Sendo assim, nestas primeiras semanas de experimentação, descobri a identidade daquele grupo. Como pensavam, como agiam, do que mais gostavam.

**DESCOBI QUE O TEATRO
ERA UM LUGAR DE
PERTENCIMENTO PARA
TODOS E TODAS NO COLÉGIO.
DESCOBI QUE HAVIA ALI
UMA IDENTIDADE COLETIVA
JÁ ESTABELECIDO E UM
MODO DE OPERAR MUITO
ESPECÍFICO: A ARTE TEATRAL
ERA CONSOLIDADA POR
MEIO DA REFLEXÃO CRÍTICA
CONSTANTE.**

Para fazer sentido cenicamente, tudo era questionado, desde o princípio. Descobri também que adoravam criar personagens, entendê-los, olhar e ler o mundo através destas pessoas “inexistentes”. Eram carinhosos e respeitavam cada etapa de nossas criações, ainda que a ansiedade por

saber o que montar os atingisse com frequência. E, sobretudo, tinham uma facilidade com o uso da palavra em cena que me despertava um fascínio e um interesse especial em relação a isso, me deixando consciente, já nos primeiros dias, de que nossa montagem deveria partir desta ou para esta direção.

Já nos idos de junho, enquanto ainda realizávamos os exercícios mencionados, lembrei-me de um texto dramático que montei no curso de Direção Teatral na UFRGS, onde a palavra, a agilidade narrativa e a construção de personagem eram elementos essenciais da dramaturgia. Tratava-se de IN ON IT, do dramaturgo canadense Daniel Maclvor. Com muito jogo, comentários críticos e verbosidade em sua escrita, IN ON IT parecia ser a escolha perfeita para o grupo com o qual eu estava trabalhando. Havia, contudo, um problema: era um texto para ser encenado por apenas dois atores. Repensei. No entanto, nada me parecia mais adequado. Foi então que iniciei um processo de adaptação do texto de Maclvor para meus alunos e alunas, baseando-me no conhecimento adquirido acerca de cada um e cada uma. Já tínhamos desenvolvido um vínculo consistente e isso me ajudou substancialmente neste processo de adaptar um texto que fora escrito para dois atores, em um texto a ser escrito para oito pessoas.

A criação dramaturgica que se deu em nossa montagem foi, portanto, engendrada pela identidade de grupo que pude observar e participar ao longo das aulas, bem como pelo trânsito criativo entre as proposições do professor diretor - eu - em consonância com as múltiplas potencialidades dos alunos e alunas - o outro. Deste modo, a organicidade desta junção

possibilitou a adaptação do texto de Daniel Maclvor por meio de uma criação onde a dramaturgia foi atrelada ao grupo discente que a montou. Pois, ainda que tivéssemos um texto dramático prévio, foi em relação com suas potências no processo de adaptação que a dramaturgia de CIRCUNSTÂNCIA nasceu, se fortaleceu e frutificou.

Considerações finais:

A experiência da criação dramaturgica no espaço escolar é um campo de ação rica e potente, que permite que nós, professores e professoras de Teatro, possamos experimentar e criar histórias, sensações, propostas diversas e laços humanos com nossos alunos e alunas. CIRCUNSTÂNCIA me deixou marcas importantes na ação de produzir dramaturgia no contexto escolar, principalmente por conta do curto espaço de tempo entre o ato de conhecer os estudantes e criar condições para o florescer da montagem a ser desenvolvida. Entretanto, mesmo com o tempo reduzido, pude perceber que não havia possibilidade de uma criação pujante sem conhecer as potencialidades e a identidade do grupo com o qual eu trabalharia. É no âmago deste conhecimento que a arte se faz e pulsa na escola. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KOUDELA, Ingrid Dormien. Texto e Jogo. São Paulo: Perspectiva, 1996. MACLVOR, Daniel. IN ON IT. Tradução do original por Daniele Ávila. São Paulo, 2009.

SILVA, Tiago. Circunstância. Dramaturgia adaptada a partir da obra de Daniel Maclvor. São Leopoldo, 2022.



Caroline Dib
Bibliotecária e mediadora de leitura.

Refugiados

Linguagem artística ou tema:
Refugiados / Escrita criativa

Cidade em que ocorreu a experiência:
Salvador / BA

Período:
Maio 2023

Objetivo-geral:

Escrever uma carta, tendo como ponto de partida se colocar no lugar de um refugiado que não chegará ao seu destino.

Objetivos específicos:

Sensibilizar os alunos sobre uma questão humanitária urgente e trágica. Exercitar se colocar no lugar do outro de forma bem intensa e experimentar essa emoção. Reconhecer elementos de uma carta e regras sobre sua elaboração.

Detalhamento da ação:

O convite feito aos alunos do Ensino Médio e EJA da Escola Sesc Nazaré Zilda Arns foi para escrever uma carta. Mas não uma carta qualquer. Tinha um cenário e um contexto, bem específicos: de dentro de um bote, no meio do mar, fugindo do seu país, conscientes de que a viagem não seria finalizada com sucesso. Essa é uma cena real, que se repetiu tantas vezes pelos mares e virou notícia comum nos noticiários das nos-

sas casas, a ponto de nem nos chocarmos mais com algo tão terrível. Sim, trata-se de uma crise humanitária intensa e sem soluções fáceis. Se colocar nesse lugar, de um refugiado, exigiu um percurso. Não é fácil elaborar sobre algo tão distante da nossa realidade hoje.

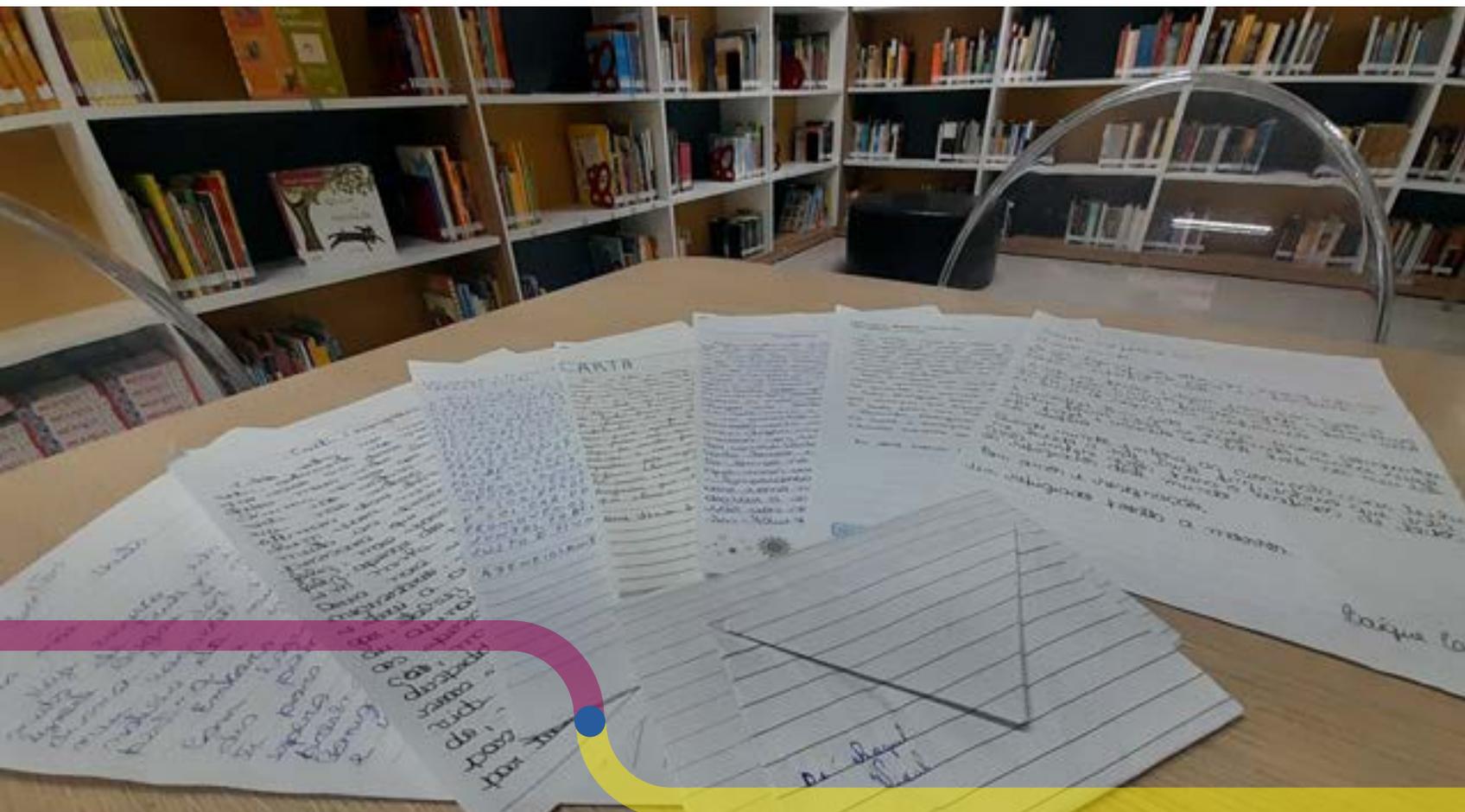
A mediação envolveu a leitura de um livro, vídeos de histórias reais, trailer de filme e muita conversa em torno de uma situação hipotética, porém, muito possível: a chegada de centenas de refugiados na nossa cidade. Como seriam recepcionados por nós, população, e pelo governo? Considerando a falta de políticas públicas para gerenciar uma situação conflituosa e a inexistência de um campo de refugiados, como seria o medo e o preconceito diante do desconhecido? Os alunos se posicionaram contra, a favor, vacilantes diante de uma demanda que se aproxima. Percebemos o Brasil como país que já gerou refugiados e hoje, os acolhe. Os argumentos para recebê-los bem, ou não, foram pautados na realidade da nossa cidade. Uma cidade grande, repleta de problemas sociais, onde grande parte da população já encontra-se em situação precária. Tentei conduzi-los no caminho da compaixão. Clamando pelo bom senso de lembrarmos todo o peso que a palavra refugiado carrega. Voltar para casa pode significar morrer.

Os primeiros vídeos que assistimos foram de Malak, uma pequena refugiada da Síria. O impactante relato dela sobre a travessia, o desenho feito pela Unesco desse momento e o resultado da acolhida um ano após a chegada, numa cidadezinha da Alemanha. Que alegria vê-la tão bem, ainda que saudosa da sua terra de origem. Num rápido comparativo sobre a forma como acolhemos, a constatação de que não possuímos ainda a expertise na logística de acomodar refugiados que chegam por aqui.

Depois fizemos a leitura compartilhada do livro da canadense Margriet Ruurs, "Caminho de pedras", que conta a história de uma família em fuga. De forma muito sutil, revela a abundância na qual viviam aquelas pessoas: lenços de seda, tomates colhidos no quintal. Mas as ilustrações do sírio Nizar Ali Badir nos traz pra realidade da jornada – um caminho duro, de desespero. Nem pintadas, nem desenhadas. Compostas por pedras, pedras que transmitem emoção.

Diante da imensidão do mar e de um barco que afunda, no vídeo "Desculpa, me afoguei", alunos encontraram a emoção necessária para sua produção. As últimas palavras, de uma existência tão breve, me surpreenderam. De alguma forma, eles estavam lá, dentro do barco. E eu também. E foi lindo e emocionante vê-los nessa escrita criativa, deixando que a emoção conduzisse. Eis o que li:

"Talvez essa despedida faça bem pra mim. Não estava me sentindo bem nos últimos dias, apesar dos sorrisos. Amo todos vocês."



"Só queria que você soubesse o quanto você foi importante para mim".

"Quero agradecer, mesmo não estando em um lugar para isso, sou muito grato pela vida."

"Eu amo vocês para sempre."

"Viva como não vivi, ame como não pude amar e nunca esqueça de deixar o impulso da água o levar em direção aos seus sonhos."

"Só consigo pensar na probabilidade do mar engolir o meu pequeno barco. Provavelmente virarei comida de peixe."

"Espero que essa carta inspire ações para o benefício de todos os refugiados deste mundo."

"Deveria ter escrito essa carta há um bom tempo. Peço perdão por não ter aproveitado os momentos bons em família."

"Escrevo essa carta, primeiramente, para esse mundo injusto e desigual."

"... emoções barulhentas e calorosas que invadem meu coração. A felicidade morou conosco enquanto estivemos juntos."

"Haverá novas vidas que, assim como eu, embarcarão pelas mesmas enchentes das incertezas e imprevisibilidades."

"Até lá, espero que siga firme com a minha presença em seus pensamentos. Levo comigo a sua essência de amor, alegria e inspiração."

"Foram maravilhosos os momentos que estive com você. Me ensinou a amadurecer, a perdoar e pedir perdão."

"É com lágrimas nos olhos que escrevo esta carta."

Considerações finais:

Conscientes das consequências do grande fluxo migratório que acontece no mundo e considerando a prerrogativa das nações de decidirem sobre suas fronteiras, alunos se apropriaram de informações necessárias para entender o angustiante conflito. Abastecidos, podemos todos refletir melhor sobre como isso nos impacta e de que forma podemos e devemos nos posicionar.

**QUE BOM QUE NÃO
ESTAMOS TODOS, DE FATO,
PRESTES A NAUFRAGAR.
QUE BOM PODER DIZER A
ESSES JOVENS QUE HÁ
TEMPO.
PARA REAVALIAR,
PERDOAR, AMAR,
RESGATAR TUDO QUE
TRANSBORDA, AS VEZES,
APENAS NUMA DESPEDIDA.
ORTOGRAFIAS E REGRAS
GRAMATICAIAS VAMOS
AJUSTANDO TAMBÉM.
TEMOS TEMPO!**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

RODRIGUES, Gilberto M. A. Refugiados: o grande desafio da humanitário. São Paulo: Moderna, 2019.

RUURS, Margriet. Caminho de pedras: a jornada de uma família de refugiados. São Paulo: Moderna, 2017.

AS NADADORAS. Direção: Sally El Hosaini. Produção: Working Title Films. Reino Unido: Netflix, 2021. (135 min).

UNESCO. A história de Malak. Brasília, DF: Unicef Brasil, 14 mar. 2016. 1 vídeo (3:15 min.) Disponível <https://bit.ly/3ETHDXm>. Acesso em 23 mai. 2023.

UNESCO. Malak: como é a sua vida 1 ano depois. Brasília, DF: Unicef Brasil, 22 set. 2016. 1 vídeo (1:38 min). Disponível em: <https://bit.ly/3PwtIRq> . Acesso em 23 mai. 2023.

MSFBRASIL. Desculpe, me afoguei. Rio de Janeiro: MSFBrasil, 21 ago. 2017. 1 vídeo (6:35 min). Disponível em: <https://bit.ly/3Zxh8jY> . Acesso em 23 mai. 2023.



Sívio Nei da Silva Machado
Licenciado em Letras Português/Inglês (UNISINOS), Mestre em Educação (UNISINOS),
professor do Sesc EaD EJA e da Rede Pública do estado do Rio Grande do Sul.

Pesquisa sobre a realização de eventos culturais nos bairros da cidade de São Leopoldo/RS.

Linguagem artística ou tema:

Descentralização da cultura

Cidade em que ocorreu a experiência:

São Leopoldo/RS

Período:

março a junho/2023

Objetivo-geral:

Identificar as necessidades da realização de eventos culturais nos bairros da cidade de São Leopoldo/RS.

Detalhamento da ação:

Introduzir a pesquisa, e a iniciação científica nas turmas de EJA da 2ª etapa do EJA EaD Sesc foi bastante desafiador, visto que muitos dos nossos estudantes não tiveram a oportunidade de vivenciar o trabalho com a pesquisa no Ensino Fundamental, ainda que a iniciação científica conste na Base Nacional Comum Curricular.

Quando se fala numa educação voltada para a investigação, o estudante é desafiado a se “desacomodar”, a sair da posição de um mero expectador da aula, o que pode causar algum estranhamento inicial aos estudantes não acostumados a este tipo de trabalho.

Desta forma, os estudantes da etapa 2 do Polo da cidade de São Leopoldo/RS foram instigados a realizarem uma pesquisa que surgiu de uma dúvida levantada em sala de aula: afinal, há eventos culturais nos bairros da cidade, nas periferias, longe do centro? Partindo-se desta pergunta, o próximo passo foi definir como obteríamos essas respostas com a população dos bairros.

Partindo do pressuposto de que seria criado um formulário online, o

questionário seria enviado pelos aplicativos de mensagens dos alunos, visto que são amplamente utilizados por todos. Assim, coletivamente, questão por questão foi sendo construída pelos grupos de 4 a 5 estudantes.

Com a colaboração dos alunos e com a minha mediação, fomos elaborando cada uma das questões. Lembro que a construção das questões, pensadas de forma colaborativa, foi uma etapa de suma importância, já que nela, os alunos entenderam o processo de criar as perguntas certas para que pudéssemos responder ou, ao menos, enxergar alguns caminhos dentro do problema de pesquisa. A primeira pergunta, de ordem prática, seria identificar o bairro em que a pessoa que estava respondendo o questionário residia, pois, a partir dessa identificação, posteriormente, o grupo escolheria qual bairro aplicaria um projeto fictício na área da produção cultural. Assim, a pergunta

EM QUAL BAIRRO DE SÃO LEOPOLDO VOCÊ RESIDE?

foi de suma importância pois, a partir das respostas obtidas nesta questão direcionaríamos o foco para o bairro que obtivesse o maior número de respostas e, numa etapa posterior, proporíamos um evento cultural naquele local.

Em seguida, os alunos sugeriram que fizéssemos a seguinte pergunta:

NO SEU BAIRRO, EXISTE ALGUM EVENTO CULTURAL?

De forma bem direta, a intenção era que a pessoa que responderia à questão já pensasse a respeito dos eventos realizados ou não no seu bairro. Esta questão tinha três alternativas: “sim”, “não” e “não sei”. Logo após, os alunos, em conjunto, elaboraram a seguinte questão:

SE EXISTE (EVENTO CULTURAL NO SEU BAIRRO) VOCÊ JÁ PARTICIPOU?

Em seguida, na questão nº 4 foi perguntado

COM QUAL FREQUÊNCIA VOCÊ PARTICIPA DE EVENTOS CULTURAIS, CUJAS ALTERNATIVAS ERAM “NUNCA”, “SEMPRE” E “ÀS VEZES”.

Observe que, os estudantes tiveram a preocupação de criar per-

guntas diretas, de uma forma que o questionário não ficasse muito extenso, evitando o desinteresse por parte dos participantes. Este fato chamou a atenção pela maturidade e cuidado na elaboração da pesquisa, visto que eles, em algum momento, já receberam algum tipo de questionário e colocaram-se no lugar daqueles que iriam respondê-lo.

Em seguida, na pergunta nº 5 era questionado se o participante gostaria que algum evento cultural fosse realizado no seu bairro. A questão de nº 6 era a seguinte:

EM QUE LOCAL DO BAIRRO VOCÊ GOSTARIA QUE UM EVENTO CULTURAL FOSSE REALIZADO?

Esta questão, em específico, foi a única que não era de múltipla escolha, tendo em vista que locais dos mais diversos dentro dos bairros poderiam sediar um evento e que, portanto, não seria possível listar todos em alternativas. Por último, foi perguntado:

QUE TIPO DE EVENTO CULTURAL VOCÊ GOSTARIA QUE FOSSE REALIZADO NO SEU BAIRRO?

Esta questão trouxe algumas alternativas de tipos de espetáculos, como música, teatro, dança, sarau e permitia que o respondente assina-

lasse mais de uma alternativa. Após a montagem das perguntas, os estudantes começaram a enviar os formulários online para seus contatos no aplicativo de mensagens instantâneas “whatsapp”.

Após uma semana do envio dos formulários, os estudantes já começaram a fazer uma análise prévia das respostas obtidas até aquele presente momento. Houve uma variedade relativa no número de respostas obtidas pelos diferentes grupos, pois cada um criou um link diferente para ser analisado. Observou-se que grupos que tiveram menos respostas foram auxiliados por outros colegas na divulgação e envio dos links. Outro fator interessante a se observar foi que, como havia uma variedade de alunos moradores dos mais diferentes bairros da cidade e, por consequência, de contatos que residem também naqueles bairros, a divisão das regiões da cidade nas respostas foi bem distribuída.

A etapa mais difícil de todo o processo, de acordo com a minha observação, foi justamente o momento de escrever a pesquisa. Para tanto, os alunos precisaram utilizar um modelo pré-estabelecido para a escrita, contendo elementos básicos da ABNT como capa, sumário, introdução, metodologia, desenvolvimento, conclusão e referências bibliográficas. As dificuldades mais evidentes estavam relacionadas ao próprio uso da informática básica, o que gerou a ideia para um projeto posterior de iniciação à informática com os estudantes.

Trabalhando sempre em conjunto com os estudantes e percorrendo a sala de grupo em grupo, pude ter um contato ainda mais direto com os es-

tudantes, no intuito de orientá-los e ir a percebendo as dificuldades e os avanços de cada um. Foi interessante notar a evolução e o envolvimento deles com a pesquisa, desde a sua construção até a análise dos dados obtidos, o que deu autoria ao projeto.

De uma forma geral, os estudantes perceberam que há uma carência significativa de eventos culturais nos bairros da cidade e que os entrevistados, quase na sua totalidade, gostariam que eventos culturais fossem realizados nos seus bairros. Outro dado que chamou a atenção é que muitos dos respondentes não costumavam participar de eventos culturais.

A parte final do projeto consistiu na criação de uma apresentação, a qual representou a apresentação dos resultados da pesquisa e marcou o encerramento da etapa 2.

Considerações finais:

A pesquisa na escola, em especial na EJA, trouxe uma oportunidade singular para muitos dos estudantes, visto que a maioria absoluta deles não estava acostumada a esta metodologia.

Do ponto de vista docente, além da relevância do tema e da integração com a qualificação em produtor cultural, o projeto transitou por diversas áreas, pois, para análise dos dados é necessária a escrita do trabalho e vários componentes curriculares além de conhecimentos que precisam ser mobilizados.

Os frutos deste trabalho, em breve, serão vistos na etapa 3 em uma possível sequência desta pesquisa. ●



Pâmela Cassiele da Luz Bratz
Atriz, pesquisadora e professora de Teatro.
Licenciada em Teatro pela UFRGS,
membro da Cambada de Teatro em Ação
Direta Levanta Favela.

Danielle Brito Albuquerque da Rosa
Licenciada em Teatro pela UFRGS, integrante
da Cambada de Teatro em Ação Direta
Levanta Favela

Teatro de rua para resistir e para lutar!

Linguagem artística ou tema:

teatro de rua e oficinas de teatro.

Cidade em que ocorreu a experiência:

Porto Alegre/RS.

Período:

De 12 de março de 2023, a 15 de abril de 2023.

Objetivo-geral:

Seis apresentações do espetáculo de teatro de rua “Maria, Suas Filhas e Seus Filhos”, e a oferta de seis oficinas abertas e gratuitas, para maiores de 6 anos de idade, nos bairros “Arquipélago”, “Passo das Pedras”, “Mário Quintana”, “Chapéu do Sol”, “Pitanga” e “Lami”, considerados os bairros com menores índices de acesso à cultura e atividades artísticas.

Objetivos específicos:

Promover uma reflexão e discussão social, a partir do espetáculo. Usufruir da linguagem da rua e dos espaços urbanos como um modo de fazer do Teatro uma arte mais acessível, popular, e política, indo ao encontro dos espectadores, sendo eles de todas as idades, todas as etnias e todas as camadas sociais. No âmbito das oficinas, compartilhar e socializar os meios de produção teatrais, bem como jogos de improvisação e de estímulo a criatividade, fazendo com que as pessoas que são excluídas do Teatro, possam vivenciar esta experiência.

Detalhamento da ação:

Apresentação do espetáculo de rua “Maria, Suas Filhas e Seus Filhos” nos bairros de norte a sul de Porto Alegre. Foram selecionados seis bairros que apresentavam altos índices de vulnerabilidade social, econômica, cultural, e elevados índices de violência. As apresentações aconteceram em praças e em pontos urbanos de convívio dos moradores. Antes das apresentações, os atores foram até as casas dos habitantes destes bairros, distribuindo panfletos, falando sobre a história da peça, e convidando-os também para as oficinas. Vale ressaltar que o espetáculo conta a história de “Maria”- uma mãe solteira, semi-analfabeta, camponesa, que foge com suas filhas e seus filhos para a cidade, em busca de melhores condições de vida. Quando chegam na cidade, deparam-se com a exclusão social e com a ferocidade do capitalismo. A peça se utilizou de



licença poética para contar a história das mães do elenco, e da maior parte das mães que constituem as classes sociais marginalizadas no Brasil. O grupo também fala da importância e das dificuldades em fazer teatro e consolidar um coletivo. As apresentações contaram com mais de 400 espectadores. Foram unânimes os relatos da necessidade e da importância de acontecerem apresentações como essas nas comunidades. Para a maior parte dos moradores, foi a primeira peça de teatro que assistiram em suas vidas. Por se tratar de um espetáculo de rua, o grupo investiu em indumentárias coloridas, objetos cênicos de grandes proporções, instrumentos, coreografias e na musicalidade. Os espectadores ora riam, emocionavam-se e até interagiam durante os espetáculos. Nas seis oficinas de teatro, o grupo inspirou-se nos jogos teatrais de Augusto Boal, propondo uma metodologia de escuta, e de uma prática teatral aliada a discussões políticas e de urgência, considerando as especificidades que cada comunidade tinha. Temas como: saneamento básico, ausência de políticas públicas, racismo, misoginia, machismo, maternidade solo, violência contra mulher, criminalização e encarceramento da população negra, jovem, foram recorrentes. As oficinas buscaram construir um espaço de participação popular, onde os participantes pudessem através do teatro, contarem suas histórias, e transmitirem seus saberes. Ao final de cada oficina, foram distribuídos lanches, e construídas rodas de conversa sobre as sensações despertadas através dos exercícios: o que foi aprendido, e o que esta aprendizagem poderia servir (ou não) para o

dia a dia? Considerando o descaso do Poder Público para com estes bairros, algumas oficinas aconteceram em lugares improvisados, pois bairros como “Passo das Pedras” e “Mário Quintana” não possuíam nenhum centro cultural. Muitos jogos foram recriados e adaptados, devido a ausência de infraestrutura, o que não impossibilitou que as atividades acontecessem. Alguns participantes se mostraram encabulados durante os jogos. Isto é um reflexo grave de como as práticas de exclusão social formam a ideia de que a arte deve ser apenas para uns, e não para todos. Esse pensamento acaba sendo introjetado, e isso pode nos dar uma noção do porquê as pessoas não frequentam ou não simpatizam com o Teatro e suas práticas. Ao passo que a era digital está se sobrepondo a arte da presença, as plateias ficam cada vez mais ausentes.

**CONVÉM AFIRMAR QUE
APESAR DESTES PERCALÇOS,
AMBIENTES COMO AS
ASSOCIAÇÕES DE BAIRRO,
ESCOLAS E ATÉ MESMO O
ESPAÇO URBANO PÚBLICO
FORAM RECONFIGURADOS
COMO UM TERRENO FÉRTIL
PARA A LIVRE CRIAÇÃO, E
PARA A EXPRESSIVIDADE.**

Considerações finais:

Essa experiência proporcionou que a Cambada de Teatro Em Ação Direta Levanta Favela... expandis-

se o seu repertório para lugares em que a prática teatral e suas pedagogias são pouco ou nem sequer abordadas. Empunhando seu estandarte, a Cambada propôs uma ruptura do cotidiano dos espectadores e oficinandos, ao ocupar o espaço urbano numa perspectiva de provocação e de transformação social. Essa experiência foi um desafio, à medida em que saímos do ambiente confortável do espaço cênico fechado, e nos permitimos uma abertura para multiplicidade de estímulos que a rua traz. Como um grupo de teatro que se autodenomina político, contamos a história das muitas “Marias” deste mundo: mães solteiras, sobretudo negras, excluídas do ambiente escolar e do mercado de trabalho, e mais do que contar, conhecemos muitas “Marias”, e percebemos que elas não são ficcionais: elas estão presentes no dia-a-dia. Para isso, foi preciso encontrá-las, conhecê-las, aprender com elas, e saudar suas vivências, as suas práticas, e suas memórias. Fazer um teatro popular, é ser resistência, considerando o parco respaldo que o município delega a este ramo artístico. Essa experiência foi uma espécie de “micro-prática”, ao fazer com que práticas artísticas, pedagógicas e sociais se recriem em espaços não-convencionais. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. Jogos para atores e não atores. 15ª edição. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2012.

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. 7ª edição. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2005.

CARREIRA, André. Sobre um ator que invade a cidade. Volume 2, n. 2. Moringa: João Pessoa, 2011.

Caroline da Silva Menzono
Licenciatura em História e Pedagogia (UNOPAR).

Nayanna Mariel Reolon
Licenciatura e Bacharelado em Educação Física (UCS).

Pedro Henrique Lovera Marmentini
Licenciatura em História e Pedagogia (UCS).



A estética do Rock nas Camisetas de Banda

Tema da aula/projeto:

Dia Mundial do Rock

Faixa etária do grupo participante:

6 a 12

Cidade em que ocorreu a experiência:

Caxias do Sul/Rio Grande do Sul

Período:

10/07/2023 a 14/07/2023

Objetivo-geral:

Identificar as influências estéticas do Rock

Materiais e recursos necessários:

Projetor, tela de projeção, caixa amplificadora de som, computador com acesso à internet, tintas guache e PVA, pincéis, folha de desenho, seleção de clipes musicais.

Detalhamento da ação:

O Dia Mundial do Rock (13 de julho) mobilizou diversas áreas do Sesc Caxias do Sul e, entre eles, o Criar. Aproveitando o engajamento gerado pela data, este projeto foi elaborado com o intuito de explorar esse gênero musical.



O Rock, embora amplamente conhecido de forma geral, nem sempre encontra em nossas crianças ouvintes assíduas ou mesmo conhecedoras dos aspectos técnicos musicais que caracterizam determinada música ou banda dentro do espectro do Rock. Notamos, em muitos casos, quando se buscava criar um conceito coletivo do gênero em questão com as crianças do projeto, uma ideia que antecedia até mesmo os critérios musicais: a identidade visual do Rock.

Diante dessa constatação, o projeto propõe uma abordagem em que o protagonismo é retirado da música e posto na estética. Como o Rock influenciou nossas roupas, atitudes e modos de pensar e agir? O Rock, afinal, pode não ser o que escutamos, mas o que vemos e fazemos.

Feitas essas constatações iniciais com nosso público, três momentos distintos foram aplicados para desenvolver os objetivos planejados.

A História do Rock

Dentro da programação cultural da Unidade, o músico e professor Leonardo Reis, realizou uma oficina que abordou questões importantes para a contextualização do gênero. Tratamos da sua origem musical – época, espaço, contexto social, gêneros precedentes que o influenciaram. Apresentamos os primeiros artistas e as primeiras bandas que deram origem ao Rock. Os instrumentos principais de uma banda de Rock foram também ressaltados.

Após essas introduções, questões mais pertinentes aos nossos objetivos ganharam espaço. As influências na moda provocadas por artistas do Rock, como Axl Rose, Janis Joplin, Jimmy Hendrix, Ramones, entre outros, foram abordadas. Simbologias

características, por exemplo o “chifrinho” feito com as mãos ao levantar o dedo indicador e o mínimo. As origens da data mundial do Rock.

Essa oficina foi realizada no Teatro da nossa Unidade Operacional. A apresentação contou com vasto material de apoio audiovisual: imagens, clipes, vídeos e músicas.

Clipes de Rock:

Embora o foco do projeto não seja musical, esse quesito não poderia ser deixado de lado. Para juntar a música com o objetivo central da esté-

tica, utilizamos o recurso dos clipes musicais. Por meio deles, foi possível elencar a música e o visual: criamos uma playlist que englobasse diferentes épocas, mostrando a transformação do Rock musicalmente e visualmente através do tempo.

Começamos nossa viagem na década de 1970, com o Black Sabbath. Temos aqui o visual das roupas todas pretas e cabelos longos. Na sonoridade, o heavy metal é predominante. Ainda nesse período, o rock progressivo teve espaço com a banda Pink Floyd. Aqui, mais do que o visual, te-



mos a atitude como protagonismo: o pensamento crítico e a revolta contra as estruturas de ensino formais.

Na década seguinte, 1980, encontramos mudanças significativas. Em bandas como Van Halen e Twisted Sister, o visual abandona as roupas pretas e adota uma enorme profusão de cores. A maquiagem ganha espaço e os cabelos compridos se mantêm. Mais adiante nessa década, surge o Punk Rock, popularizando uma nova variante musical e, no visual, trazendo uma nova linha de formas de se vestir que expressavam sua ideia central: a revolta contra a sociedade. Bandas como Ramones e Sex Pistols foram exemplos usados para ilustrar o movimento punk.

Mantemos nosso escopo nesse recorte de tempo pois são dessa época que os padrões estéticos clássicos do Rock foram estabelecidos. Enfim, realizamos uma seleção de clipes do YouTube e apresentamos as crianças, comentando os elementos chaves para nosso objetivo e estabelecendo comparações.

Camisetas de Banda

Por fim, é hora de criar. Julgamos que o elemento mais significativo da estética do Rock seja a camiseta de banda. Ela é uma peça que engloba em si todas as características abordadas ao longo do projeto.

Dentro do catálogo de bandas analisadas durante o projeto, cada criança assumiu responsabilidade sobre uma delas.

A proposta foi criar uma camiseta de banda. Utilizamos como material uma folha de desenho em formato de camiseta. Confeccionamos um molde para recorte. Para a criação, foram utilizados tinta guache/PVA e pincéis. Um ponto comum estabele-

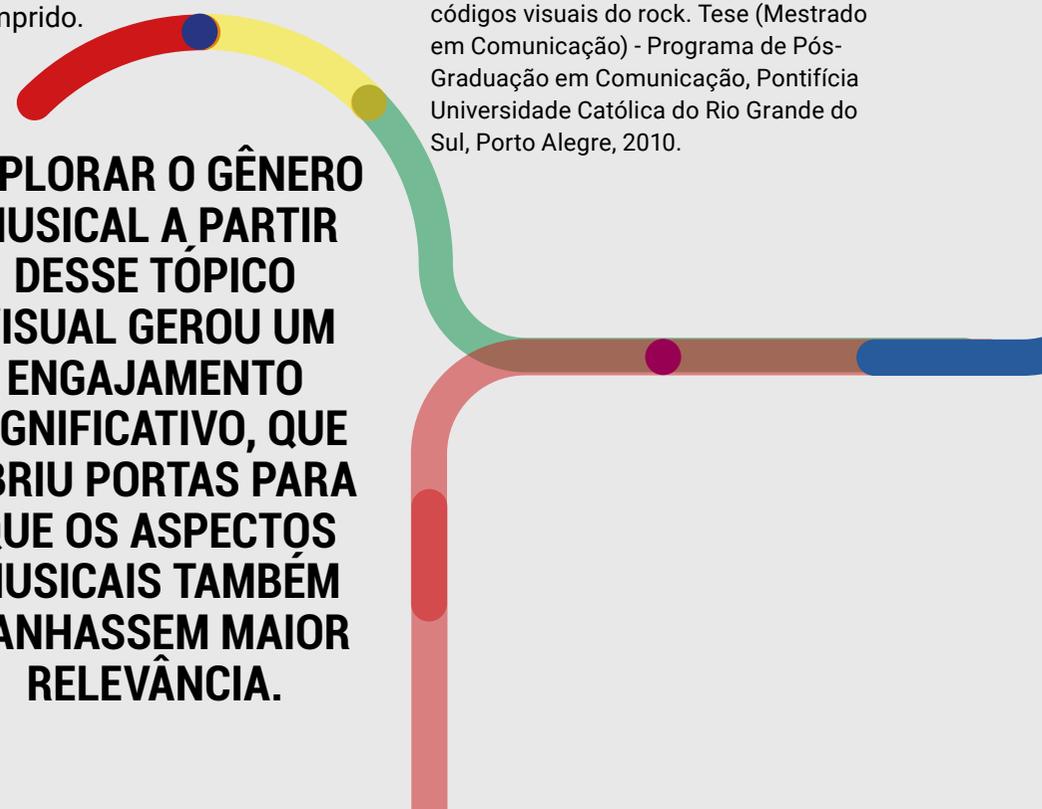
cido é que todas as camisetas deveriam ser de fundo preto.

A partir disso, cada um criou sua própria camiseta. Utilizaram como referência o logo da banda, mas livremente inseriram elementos estéticos descobertos ao longo do projeto e da própria banda, de acordo com seu gosto pessoal e as representações adequadas aos seus artistas.

O resultado gerou o “varal do Rock”, que foi exposto na Unidade Operacional e fez parte da decoração do Sesc na Semana do Rock. Além disso, as crianças também se vestiram no dia 13/07 conforme as estéticas abordadas, criando seus próprios visuais ao estilo Rock ‘N’ Roll.

Considerações finais:

Nem sempre o Rock é a opção prioritária no consumo musical das nossas crianças. Mesmo assim, as suas marcas estéticas eram conhecidas por todos, mesmo que em suas linhas mais básicas como a cor preta, uso de bandanas ou um cabelo comprido.



EXPLORAR O GÊNERO MUSICAL A PARTIR DESSE TÓPICO VISUAL GEROU UM ENGAJAMENTO SIGNIFICATIVO, QUE ABRIU PORTAS PARA QUE OS ASPECTOS MÚSICAIS TAMBÉM GANHASSEM MAIOR RELEVÂNCIA.

Quando propusemos a criação do nosso varal de camisetas, cada criança tomou para si uma banda. Ao produzir uma identidade visual para esses artistas, notamos que as crianças criam uma ligação com a banda. Ao final, mostram-se orgulhosos de representar determinados grupos musicais e a criação de vínculos com seus artistas. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO FILHO, Jorge. Da performance à gravação: pressupostos do debate sobre a estética do rock. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. E-compós, Brasília, v.13, n.2, maio/ago. 2010

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens da criança: A experiência de Reggio Emilia em transformação. V.2. Penso: Porto Alegre, 2016.

QUEIROZ, Fernando Pisoni. Ainda é Rock? A construção de identidades de jovens de Porto Alegre por meio de códigos visuais do rock. Tese (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.



Estela Sá de Mesquita

Mestranda em Patrimônio Cultural no Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural na Universidade Federal de Santa Maria. Licenciada em Dança pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora de Dança no Estúdio de Dança Marcella Rodrigues. Pesquisadora e artista-docente que movimenta-se entre os estudos de Arte e Patrimônio Cultural por meio da dança e suas relações com os patrimônios locais.

Odailso Berté.

Professor do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e do Curso de Dança-Licenciatura da UFSM. Coordenador do Laboratório Investigativo de Criações Contemporâneas em Dança (LICCCA).

Dança e patrimônio cultural: Alternativas artístico-pedagógicas para reavivar a relação com a cidade

No ano de 2022, o Laboratório Investigativo de Criações Contemporâneas em Dança (LICCCA), do curso de Dança-Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), desenvolveu as intervenções artísticas Ser – Povo – Movente, criadas e apresentadas em locais de referência histórica e patrimonial da cidade de Santa Maria, RS, sob coordenação dos professores Odailso Berté e Mônica Borba. Esta foi uma ação do Projeto de Extensão Dança e Patrimônio Cultural em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão da UFSM e o Projeto Distrito Criativo Centro-Gare de Santa Maria. Essa ação artístico-cultural foi inspiradora para os(as) professores(as) e estudantes

envolvidos(as), e também para o público que se deslocou para assistir as intervenções ou foi surpreendido por elas nos locais públicos onde foram realizadas. Nesse sentido, traz instigantes contribuições artístico-pedagógicas para o desenvolvimento de ações com estudantes de diferentes idades dentro das temáticas da arte e do patrimônio cultural.

O processo criativo

O processo criativo das intervenções artísticas Ser – Povo – Movente, dentro do campo da dança contemporânea, iniciou com um pedido para cada um(a) dos(as) estudantes – a que chamamos de criadores(as)-intérpretes – envolvidos(as) esco-

lher um lugar da cidade de Santa Maria com o qual mais se identificasse. Após isso, foi-lhes feita uma pergunta: “se você pudesse se transformar em um monumento nesse lugar, que monumento você seria?” E com isso foram convidados(as) a esculpir esse monumento com massas de modelar. Já com suas esculturas/monumentos, foram motivados(as) a apreciar suas criações e as dos(as) colegas, para, na sequência, trabalharem com outra pergunta: “se o (s) eu monumento pudesse se mover, como se moveria?” E com esses movimentos que eles(as) criaram iniciamos a construção das coreografias. Esse é um dos modos de se trabalhar a criação na dança contemporânea



na qual, a exemplo de artistas como a coreógrafa alemã Pina Bausch (1940-2009), em vez da transmissão de passos de dança para os(as) estudantes repetirem, é possível incentivar a exploração e a invenção de movimentos, através de jogos, exercícios, perguntas, imagens, entre outros recursos e procedimentos (BERTÉ, 2015).

Na segunda fase da criação, fomos aos locais de referência histórica e patrimonial de Santa Maria, que nos inspiraram para a continuidade do processo criativo e onde também foram realizadas as intervenções. Iniciamos com uma caminhada de observação pelo centro da cidade, fazendo o percurso chamado centro-gare, compreendido entre o prédio da antiga Reitoria da UFSM, passando pela Praça Saldanha Marinho, Avenida Rio Branco, Vila Belga e finalizando na antiga Estação Ferroviária – Gare. Após esse exercício de observação e conhecimento dos aspectos patrimoniais do centro histórico de Santa Maria, escolhemos três locais: Praça Saldanha Marinho, Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea de Santa Maria/Vila Belga e a antiga Reitoria da UFSM. Como éramos um grupo de 15 pessoas, nos dividimos em duas equipes para trabalhar em dois locais diferentes (Cooperativa e Reitoria), e todas(as) juntos(as) no terceiro desses locais (Praça).

Nesses locais, os(as) criadores(as)-intérpretes foram incentivados(as) a perceber se relacionar com os espaços e seus elementos (construções, paisagem, formas, chão, paredes, canteiros, plantas, árvores, chafariz, sonoridades, odores etc.). Estudamos textos e documentos

históricos sobre esses locais, ouvimos relatos de alguns dos(as) criadores(as)-intérpretes que contaram histórias de familiares que haviam trabalhado em alguns desses locais, e também analisamos imagens e obras de arte alusivas a momentos da história da cidade de Santa Maria e com referência àqueles locais.

TODOS ESSES ELEMENTOS FORAM MOTIVADORES PARA OS(AS) CRIADORES(AS)-INTÉRPRETES CONSTRUÍREM NOVOS MOVIMENTOS EM CONTATO DIRETO COM AQUELES ESPAÇOS, DE MODO QUE O PATRIMÔNIO NÃO FOI APENAS CENÁRIO, MAS UM AGENTE QUE MOLDOU OS MOVIMENTOS, OS GESTOS E OS DESLOCAMENTOS DOS CORPOS, SENDO PARTE INTEGRANTE DA OBRA ARTÍSTICA.

De muitas maneiras, o patrimônio cultural produziu ressonâncias nos corpos (GONÇALVEZ, 2019), e essas motivaram a criação da dança enquanto uma forma de reconstrução subjetiva desses bens patrimoniais.

As intervenções Ser – Povo – Movente

A primeira foi a intervenção Ser, apresentada em 25 de novembro de 2022, na Praça Saldanha Marinho (inaugurada em 1927), no centro de Santa Maria, RS. Esta versava sobre

os povos indígenas, pretos e brancos que, apesar de tantas violências (colonização, invasão, escravização etc.) formaram a riqueza da diversidade cultural de Santa Maria e do Brasil. Além das formas e espacialidade do coreto, do chafariz, dos canteiros e árvores da praça, o texto “Em Santa Maria, Imembuí” (1979), de João Cezimbra Jacques, e a pintura mural “A lenda de Imembuí”, de Eduardo Trevisan (1976), também proporcionaram imagens instigantes para a criação dos movimentos e coreografias desta intervenção.

A intervenção Povo foi criada em frente a antiga sede da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea de Santa Maria, localizada na Vila Belga, tratando da modernização da cidade com a chegada da linha férrea (fundada entre 1989 e 1900), a instalação de empresas e da luta operária. Para a criação desta, foram usados relatos de uma das criadoras-intérpretes, bem como fotografias do seu avô que foi empregado da Viação Férrea e lhe contou histórias sobre as condições difíceis em que ele e seus colegas trabalhavam, e sobre os protestos e reivindicações que levaram a cabo em defesa de seus direitos como trabalhadores.

TUDO ISSO MOTIVOU A CRIAÇÃO DE GESTOS E MOVIMENTOS EM DIÁLOGO COM AS FORMAS DO PRÉDIO DA ANTIGA SEDE DA COOPERATIVA.

Por causa de intempéries climáticas, esta intervenção não pode ser

realizada neste local, sendo adaptada e apresentada no dia 14 de dezembro de 2022, dentro do evento semestral “Noite da Dança”, do curso de Dança-Licenciatura, no campus sede da UFSM.

A intervenção Movente, criada no hall da Antiga Reitoria da UFSM e apresentada neste espaço, no dia 30 de novembro de 2022, enfocou a fundação da Universidade Federal de Santa Maria, a primeira instituição pública de ensino superior do Brasil fora das capitais. Isso ocorreu em 1959, período da ditadura militar, e nesse sentido, os movimentos/coreografias foram criados a partir de imagens de censura, impedimento e disciplina, em contraste com imagens das lutas do movimento estudantil – liberdade, resistência e construção/descentralização do conhecimento.

Por serem intervenções de dança em espaços públicos urbanos, cada uma delas foi precedida por um texto poético que situava alguns elementos históricos e socioculturais em relação às abordagens das intervenções, no entanto, sem ser uma explicação ou legenda que pudesse neutralizar as diferentes camadas de sentido e possibilidades interpretativas dos movimentos em diálogo com esses espaços. As intervenções proporcionaram o que compreendemos como uma forma de renascimento da cidade (BERTÉ et al., 2022), ou seja, um modo dos(as) estudantes (re)conhecerem os patrimônios culturais da cidade de uma maneira lúdica, criativa e investigativa, e também do público reavivar seu olhar desenvolvendo outras formas de perceber e valorizar estes bens patrimoniais por vezes

invisibilizados pela rotina e composição arquitetônica urbana e também pelo consumo massivo de imagens e propagandas que saturam o olhar e a percepção.

Possibilidades artístico-pedagógicas a partir da relação entre arte e patrimônio

A exemplo do processo criativo das intervenções artísticas Ser – Povo – Movente, algumas propostas metodológicas de ensino-aprendizagem podem ser desenvolvidas com alunos(as) de diferentes níveis escolares, tendo como princípios as

relações entre corpo – cidade / arte – patrimônio.

1. Realizar uma conversa com os(as) alunos(as) sobre os locais que eles(as) mais gostam, admiram e com os quais se identificam em sua cidade. Com isso, podem ser motivados(as) a descrever, desenhar e/ou buscar imagens, relatos e textos históricos referentes a esses espaços/lugares.
2. Promover um passeio de observação a alguns (ou todos) dos es-

paços escolhidos pelos(as) alunos(as). Nessa ocasião, eles(as) podem ser orientados(as) a escolher um local, um monumento, uma rua, uma construção ou uma paisagem com o/a qual mais se identifica, e observar com atenção as suas formas, linhas, cores, figuras etc., podendo também desenhar, fotografar e/ou listar suas características.

3. Instigar os(as) alunos(as) a reproduzir ou recriar essas formas em seus corpos, através de gestos, movimentos e ações. Ou também, desenhar livremente essas formas no espaço, através de gestos e movimentos. Esses movimentos criados pelos(as) alunos(as) podem ser selecionados, repetidos, aprendidos por todos(as) da turma e, através de uma colagem (junção), se tornarem coreografias, esquetes ou cenas para uma peça teatral. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTÉ, Odailso. Dança Contemporânea: corpos, afetos e imagens (mo)vento-se. Santa Maria, RS: UFSM, 2015.

BERTÉ, Odailso [et al]. “Ser – Povo – Movente”: possibilidades de ‘renascimento da cidade’ a partir de interações entre dança e patrimônio cultural. In: LISBÔA FILHO, Flavi Ferreira [et. Al]. (Org.). UFSM no Distrito Criativo. Santa Maria, RS: UFSM Pró-Reitoria de Extensão, 2022. p. 82-110.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Patrimônio, espaço público e cultura subjetiva. In: TAMASO, Izabela;

GONÇALVES, Renata de Sá; VASSALLO, Simone. A Antropologia na esfera pública: patrimônios culturais e museus. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2019. p. 29-47.



ARTE E EDUCAÇÃO: INVENTARIAR PERCURSOS PARA ENCONTRAR CAMINHOS POSSÍVEIS



Lutiere Dalla Valle

Doutor e Mestre em Artes Visuais e Educação (Universitat de Barcelona/ES); Mestre em Educação (UFSM); Especialista em Arte e Visualidade(UFSM); Licenciatura Plena em Desenho e Plástica e Bacharel em Desenho e Plástica (UFSM). Professor Associado do Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação - LP4 Educação e Artes-PPGE/UFSM.

Na contramão da lógica racionalista, as diferentes linguagens artísticas seguem nos convidando a perceber a poética da vida vivida. É também por meio do fazer artístico e das experiências estéticas aqui compartilhadas que somos instigados a compreender o mundo e a nós mesmos por diferentes vias e possibilidades.

Diante das experiências estéticas e sensíveis, o diálogo com as artes movimenta reflexões para além da complexidade formal: devido à sua natureza relacional e subjetiva nos estimula a perceber valores culturais, ideológicos e sociais que nos constituem quanto sociedade

Neste interim, inventariar percursos para encontrar caminhos possíveis consiste em produzir processos artísticos-pedagógicos baseados na reciprocidade e no acolhimento às diferenças. Requer também seguir em estado de alerta aos acontecimentos políticos que nos afetam e delimitam nossas formas de ser, estar e agir no mundo. Talvez, ao angariar percursos experimentais produzidos a partir de encontros e atravessamentos com a arte, possamos seguir ainda mais receptivos aos devires estéticos que habitam nossos cotidianos.

Sabemos que as manifestações artísticas do nosso tempo trabalham com a potência das incertezas e o vigor poético das materialidades que desafiam e subvertem imaginá-

rios coletivos no que diz respeito às habilidades técnicas, e, ao mesmo tempo, problematizam os repertórios hegemônicos que durante décadas dominavam os currículos escolares. Vivemos o momento da reivindicação do acesso aos repertórios locais, da valorização da cultura nacional e suas ressonâncias na formação cidadã: crítica, reflexiva e capaz de agir no mundo de modo criativo e sensível.

Como visto, muitas das proposições que compõem esta revista almejam, além do caráter formal ou artístico, alcançar o sonho e a utopia. Pretendem subverter a estagnação curricular calcada no desenho, na pintura e na escultura como únicas linguagens disponíveis na escola e nos outros espaços coletivos, em busca de percursos experimentais, inventivos, sobretudo afetivos.

As práticas artístico-pedagógicas potencializam experiências e produção de sentidos relacionados às problemáticas que se vinculam às múltiplas identidades, às relações sociais, culturais e de poder que lhes atravessam, seja na escola, na rua, na periferia ou nas grandes cidades.

Adotar o fazer artístico como pensamento crítico-reflexivo diz respeito ao modo como lidam com a memória individual e coletiva; com os fluxos migratórios e com as crises humani-

tárias, transitando entre o micro e o macro. Igualmente, viabilizando a descentralização dos eventos culturais dos grandes centros em prol da democratização e acesso aos eventos culturais em contextos periféricos.

As vozes dos autores e autoras nos convidam, portanto, a romper com o pensamento hegemônico prestando especial atenção às oportunidades que se abrem aos acasos na criação em arte, como visto, nas diferentes linguagens e materialidades. Do mesmo modo, para além do acesso ao repertório narrativo e poético das proposições, incitam a estabelecer relações afetivas, bem como de interação.

O caráter pedagógico das proposições compartilhadas adquire uma dimensão não prescritiva, mas relacional, isto é, não visa definições ou metodologias de um "como" fazer, mas sinaliza estados de devir, caracterizado pelas capacidades autorais e inventivas de cada professor, ou professora, a partir dos repertórios que seleciona e nos dá a conhecer.

Ao finalizar a leitura, as escritas seguem pulsando e inspirando a busca por alternativas abertas, proposições que nos tocam, nos afetam. Não há quem permaneça imune aos convites lançados e que nos incitam à experiência estética em todas as suas dimensões. É justamente neste 'entre' poéticas que nos encontramos com nossos pensamentos, sonhos, desejos e aspirações. ●



Fecomércio
Senac

arte mediações
educação



LEIA TAMBÉM AS EDIÇÕES ANTERIORES



VOL.1 2021



VOL.2 2022